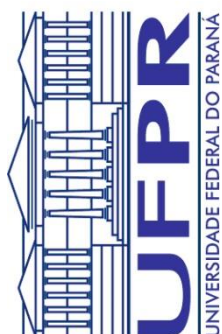


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

THAIS DO AMARAL MACHADO

**VALIDAÇÃO DA ESCALA DE AUTOAVALIAÇÃO DO
SAQUE DO VOLEIBOL**



CURITIBA
2013

THAIS DO AMARAL MACHADO

**VALIDAÇÃO DA ESCALA DE AUTOAVALIAÇÃO DO
SAQUE DO VOLEIBOL**

**Dissertação apresentada como
requisito parcial para a obtenção do
Título de Mestre em Educação
Física do Programa de Pós-
Graduação em Educação Física, do
Setor de Ciências Biológicas da
Universidade Federal do Paraná.**

Orientadora: JOICE MARA FACCO STEFANELLO



Ministério da Educação
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
Setor de Ciências Biológicas
Programa de Pós-Graduação em Educação Física



TERMO DE APROVAÇÃO

THAIS DO AMARAL MACHADO

“Validação da escala de autoavaliação do saque do voleibol”

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação Física – Área de Concentração Exercício e Esporte, Linha de Pesquisa de Comportamento Motor, do Programa de Pós-Graduação em Educação Física do Setor de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná, pela seguinte Banca Examinadora:

Professora Dra. Joice Mara Facco Stefanello (Presidente)
BL / UFPR

Professor Dr. Ricardo Weigert Coelho
Membro Interno

Professor. Dr. Juarez Vieira do Nascimento
Membro Externo

Curitiba, 22 de Março de 2013.

Dedico aos meus pais, Lurdes e Dirce pelo apoio incondicional. Em especial, ao meu amigo Itamar Bonfadini Vieira (em memória) por toda amizade! Sempre o guardarei em meu coração com muito carinho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família, meus pais Lurdes e Dirceu, à minha irmã Prescila, pela paciência, incentivo e alicerce em todos os momentos de minha vida!

Aos meus amigos de longa data Paulo, Aline Fernanda, Estela, Juliane, Adriele, Taci, Alessandra, Ricardinho, Vanessa, Joice, Hans, Dani, Carol, Pepita e Marcelo pela amizade.

Aos meus amigos Gabriel, Lilica e Priscilla que estiveram presentes nas viagens e transmitiram força nos momentos de insegurança.

À Sabrina e à Mayara que participaram diretamente na construção deste trabalho. Hoje me sinto feliz por ter chego à vez de cada uma de vocês trilharem seus próprios caminhos.

À Katia, Dênis, Leilane, Suelen e aos amigos que participaram desta caminhada! Obrigada pelo apoio de cada um de vocês!

A todos os técnicos que gentilmente participaram e cederam seus atletas para esta pesquisa, em especial ao técnico Roberley Leonaldo, Ricardo Tabach, Jarbas Soares, entre tantos outros que compartilharam seus conhecimentos e auxílio ao estudo.

A todos os atletas de voleibol das categorias infantil, infantojuvenil e adulto que foram extremamente importantes para execução desta pesquisa!

À Confederação Brasileira de Voleibol pela autorização cedida para a realização das coletas de dados.

A todos os clubes que abriram as portas à pesquisa e ofereceram sua estrutura para as coletas.

Aos Professores do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da UFPR que agregaram ensinamentos ao meu conhecimento.

Ao Professor Dr^o Cesar Taconeli e Andressa Avedaño Forbellone pelo suporte estatístico e receptividade constante comigo!

Ao professor Dr^o Raul Osiecki, por ter acreditado no meu potencial e ter me permitido o primeiro contato com o grupo de estudos.

À Professora Dr^a Neiva Leite pelo espaço cedido em seu laboratório de estudo.

Aos professores da banca examinadora Dr^o Juarez Vieira do Nascimento, Dr^o Ricardo Weigert Coelho, Dr^a Lenamar Fiorese Vieira e Dr^o Rodrigo Siqueira Reis, pelas sugestões realizadas e conhecimento agregado em cada etapa deste estudo.

Aos professores especialistas que participaram gentilmente da validação de conteúdo do instrumento.

À Professora Dr^a Elisabeth Shoenfelt que nos cedeu autorização para o processo de validação do instrumento para língua portuguesa e todo o apoio durante o processo.

À minha amiga Lucina da Silva Lirani por tudo que me ensinou como pessoa, pesquisadora, conhecimentos estatísticos e pela amizade! Sou grata por tudo!

À minha Mestre, segunda mãe, amiga, paz e sabedoria em minha vida, Ana Claudia Vecchi Osiecki, obrigada por tudo que representa em minha história! Sua presença me acalma e me ensina a cada momento compartilhado! Você é a pessoa que um amigo de verdade merece e deve ter na vida! “Amigos são anjos sem asas”.

Em especial, à minha orientadora, Dr^aJoice Mara Facco Stefanello! Hoje sei o significado de me tornar uma pesquisadora, devo isso a você! Aprendi a descobrir, escrever e reescrever as mais belas linhas do conhecimento com sua ajuda! Obrigada por me centrar nos momentos em que era preciso, pelas orientações, paciência e sabedoria doutrinada comigo. Sinto-me feliz por ter tido a oportunidade de tê-la como orientadora!

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da UFPR pela estrutura oferecida.

Ao Ministério da Educação, Programa Reuni, pela concessão da bolsa de estudo que permitiu minha dedicação integral ao curso de mestrado e a Prefeitura Municipal de Curitiba, pelo apoio financeiro para a concretização desta pesquisa.

**Uns são homens;
alguns são professores;
poucos são mestres.
Aos primeiros, escuta-se;
aos segundos, respeita-se;
aos últimos, segue-se”.**

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo validar a tradução e adaptação transcultural da *Volleyball Serving Self-Evaluation Scale* para atletas brasileiros de voleibol. Para tradução e adaptação do instrumento, foi utilizada a técnica de tradução reversa. A validação de conteúdo foi realizada por um grupo de 10 especialistas. A correspondência entre as versões em inglês e português foi avaliada por um grupo de 10 atletas bilíngues e analisadas por meio do Índice de Correlação Intraclasse (ICC) e Índice *Kappa*. Para estimar a matriz de correlação que melhor demonstrasse as relações entre os itens do instrumento, realizaram-se Análise Fatorial Exploratória e Análise Fatorial Confirmatória, a fim de verificar a estrutura dimensional proposta pelo grupo de especialistas. Foram calculados os índices de consistência interna geral e de cada questão pelo *Alpha de Cronbach*. A estabilidade da escala foi verificada por meio de teste e reteste da versão traduzida, sendo avaliada pelo Índice de Correlação Intraclasse, Índice *Kappa* e Correlação de *Pearson*. A validade de critério foi avaliada pela correlação de *Pearson* entre a Escala de Autoavaliação do Saque do Voleibol (EASV) e a Escala de Autoeficácia Geral Percebida. Avaliou-se a sensibilidade da escala em três categorias (infantil, infantojuvenil e adulta) para atletas de ambos os sexos por meio de média e desviopadrão dos resultados em cada categoria. A validação de conteúdo obteve índice geral de validade de 0.91, considerado aplicável. A correlação entre as versões em inglês e português das escalas respondidas pelos atletas bilíngues apresentou ICC= 0.95 e Índice *Kappa* 0.93, indicando correspondência entre as duas versões. A Análise Fatorial Exploratória apontou 4 dimensões, a Análise Fatorial Confirmatória demonstrou valores próximos aos recomendados pela literatura, embora ainda não se possa confirmar a dimensionalidade do instrumento. A consistência interna apresentou valores de *Alpha de Cronbach* por itens e geral $\alpha = 0.87$ adequados. A estabilidade da escala apresentou valores de ICC=0.95, Índice *Kappa* 0.93 e Correlação de *Pearson* 0.96 considerados excelentes para fidedignidade. A validade de critério demonstrou correlação fraca e negativa ($r = -0.19$), não sendo um bom critério utilizado. A sensibilidade da EASV foi confirmada para as categorias infantil, infantojuvenil e adulta masculina e infantil feminina. Para as categorias infantojuvenil e adulta feminina, sugere-se mais investigações quanto à sensibilidade da escala. Conclui-se que a Escala de Autoavaliação do Saque do Voleibol demonstrou boas propriedades psicométricas quanto a sua tradução, validade de conteúdo, fidedignidade - estabilidade e consistência interna, bem como sensibilidade para as categorias infantil, infantojuvenil e adulta masculina e infantil feminina, sendo, entretanto, necessárias mais investigações acerca da sensibilidade para categorias infantojuvenil e adulta feminina, validade de critério, e da dimensionalidade do construto, pois apresentou valores próximos do recomendado pela literatura, não permitindo, ainda, finalizar o processo de validação do instrumento.

Palavras chave: adaptação transcultural; validade, fidedignidade, sensibilidade, esporte e voleibol.

ABSTRACT

The present study aimed to validate the translation and cultural adaptation of Volleyball Serving Self-Evaluation Scale for Brazilian volleyball athletes. For translation and adaptation of the instrument, we used the technique of reverse translation. The content validation was performed by a group of 10 experts. The correspondence between the Portuguese and English versions was evaluated by a group of 10 athletes bilingual and analyzed using the intraclass correlation coefficient (ICC) and Kappa. To estimate the correlation matrix that best demonstrate the relationships between the items of the instrument were conducted Exploratory Factor Analysis and Confirmatory Factor Analysis in order to verify the dimensional structure proposed by the expert group. Indexes were calculated for internal consistency and each question by Cronbach's alpha. The stability of the scale was verified by testing and retesting of the translated version was assessed by the intraclass correlation coefficient, Kappa, and Pearson correlation. Criterion validity was assessed by Pearson correlation between the Self-Evaluation Scale Serve in Volleyball and General Perceived Self-Efficacy Scale. We evaluated the sensitivity of the scale in three categories (child, infant-juvenile and adult) for athletes of both genders using mean and standard deviation of the results in each category. The content validity index obtained general validity of 0.91, considered applicable. The correlation between the Portuguese and English versions of the scales answered by athletes bilingual presented ICC = 0.95 and Kappa index 0.93, indicating correspondence between the two versions. The exploratory factor analysis indicated four dimensions, Confirmatory Factor Analysis showed values close to those recommended in the literature, although it can not confirm the dimensionality of the instrument. The internal consistency showed Cronbach's alpha values for items and overall $\alpha = 0.87$ appropriate. The stability of the scale had values of ICC = 0.95, 0.93 Kappa and Pearson Correlation 0.96 considered excellent for reliability. Criterion validity showed a weak and negative correlation ($r = -0.19$), it is not a good criterion. The sensitivity of EASV was confirmed for the categories child infantojuvenil and adult male and female infant. For the categories and infantojuvenil adult female suggest further investigation as to the sensitivity of the scale. We conclude that the Self-Assessment Scale Serve Volleyball demonstrated good psychometric properties as a translation, content validity, reliability - stability and internal consistency, and sensitivity to the child categories, infantojuvenil and adult male and female infant, and, however, more research needed on the sensitivity and categories infantojuvenil adult female, criterion validity, and dimensionality of the construct, because values were closer than recommended in the literature, not allowing also complete the validation process of the instrument.

Key words: cultural adaptation, validity, reliability, sensitivity, sports and volleyball.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1. RECIPROCIDADE TRIÁDICA NA TEORIA SOCIAL COGNITIVA DE BANDURA	18
FIGURA 2. FLUXOGRAMA ADOTADO PARA O MODELO DE PESQUISA	31
FIGURA 3. MATRIZ DA CORRELAÇÃO DE <i>PEARSON</i>	46
FIGURA 4 MATRIZ DA CORRELAÇÃO POLICÓRICA	46
FIGURA 5. GRÁFICO <i>SCREEPLOT</i> PARA ESCOLHA DE FATORES DA EASV	47
FIGURA 6. CARGAS FATORIAIS E PORCENTAGEM DA VARIÂNCIA EXPLICADA PARA QUATRO FATORES	48
FIGURA 7. CORRELAÇÃO DE <i>PEARSON</i> ENTRE OS ESCORES DA EASV E DA EAEGP	51

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1. VALORES MÉDIOS DO COEFICIENTE DE VALIDADE DE CONTEÚDO (CVC _c).....	41
QUADRO 2. CONFIABILIDADE (<i>ALPHA DE CRONBACH</i>) DA ESCALA DE AUTOAVALIAÇÃO NO SAQUE DO VOLEIBOL (EASV)	45
QUADRO 3. ANÁLISE FATORIAL PARA UM FATOR.....	47
QUADRO 4. ALOCAÇÃO DOS ITENS DE ACORDO COM ANÁLISE FATORIAL EXPLORATÓRIA	49
QUADRO 5. ALOCAÇÃO DOS ITENS DE ACORDO COM OS ESPECIALISTAS...	50

LISTA DE TABELAS

TABELA 1. ICC E <i>KAPPA</i> ENTRE A VERSÃO EM INGLÊS E A VERSÃO EM PORTUGUÊS	40
TABELA 2. ICC, <i>KAPPA</i> E CORRELAÇÃO DE <i>PEARSON</i> ENTRE TESTE E RETESTE DA EASV	42
TABELA 3. RESULTADOS DO TESTE <i>t</i> PARA CADA QUESTÃO DA EASV ENTRE HOMENS E MULHERES	43
TABELA 4. RESULTADOS DO TESTE <i>t</i> PARA CADA QUESTÃO DA EASV ENTRE AS APLICAÇÕES DA ESCALA VIA E-MAIL E PRESENCIALMENTE.	44
TABELA 5 ANÁLISE FATORIAL CONFIRMATÓRIA COM BASE NA ALOCAÇÃO DOS ESPECIALISTAS.....	50
TABELA 6. MÉDIA, DESVIO PADRÃO (DP), VALOR MÍNIMO-MÁXIMO E AMPLITUDE DAS	52

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AFE	ANÁLISE FATORIAL EXPLORATÓRIA
CBV	CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE VOLEIBOL
CGF	CINCO GRANDES FATORES
CSES	<i>CORE SELF-EVALUATION SCALE</i>
EAEGP	ESCALA DE AUTOEFICÁCIA GERAL PERCEBIDA
EASV	ESCALA DE AUTOAVALIAÇÃO DO SAQUE DO VOLEIBOL

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
1.1	O PROBLEMA E SUA IMPORTÂNCIA	15
1.2	OBJETIVOS	17
1.3	DEFINIÇÃO DE TERMOS	17
2	REVISÃO DE LITERATURA	18
2.1	TEORIA SOCIAL COGNITVA	18
2.1.1	<i>Núcleo de Autoavaliações (Core Self-Evaluation)</i>	23
2.2	PSICOMETRIA	26
3	METODOLOGIA	30
3.1	CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO	30
3.2	VOLLEYBALL SERVING SELF-EVALUATION SCALE	32
3.3	VALIDAÇÃO DA TRADUÇÃO E ADAPTAÇÃO TRANSCULTURAL DA VOLLEYBALL SERVING SELF-EVALUATION SCALE	32
3.3.1	<i>Tradução e adaptação transcultural da Volleyball Serving Self-Evaluation Scale</i>	33
3.3.2	<i>Validade de conteúdo da versão traduzida e adaptada</i>	33
3.3.3	<i>Estudo Piloto</i>	34
3.3.4	<i>Fidedignidade da versão traduzida e adaptada</i>	35
3.3.5	<i>Validade de construto</i>	36
3.3.6	<i>Validade de Critério</i>	36
3.3.7	<i>Sensibilidade</i>	37
3.3.8	<i>Tratamento Estatístico</i>	38
4	RESULTADOS	40
4.1	VALIDAÇÃO DE CONTEÚDO	40
4.2	FIDEDIGNIDADE DA EASV	42
4.2.1	<i>Estabilidade da EASV</i>	42
4.2.2	<i>Consistência Interna dos Itens que compõem a EASV</i>	44
4.3	VALIDADE DE CONSTRUTO DA EASV	45
4.4	VALIDADE DE CRITÉRIO	51
4.4.1	<i>Validade Concorrente</i>	51
4.5	SENSIBILIDADE	52
5	DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	53
5.1	VALIDADE DE CONTEÚDO	53
5.2	FIDEDIGNIDADE DA EASV	53
5.2.1	<i>Estabilidade do Instrumento</i>	53
5.2.2	<i>Consistência Interna</i>	55
5.3	VALIDADE DE CONSTRUTO	55
5.4	VALIDADE DE CRITÉRIO	57
5.4.1	<i>Validade Concorrente</i>	57
5.5	SENSIBILIDADE DA EASV	58
6	CONCLUSÃO E RECOMENDAÇÕES	59
	REFERÊNCIAS	59
	APÊNDICES	67
	ANEXOS	71

1 INTRODUÇÃO

1.1 O PROBLEMA E SUA IMPORTÂNCIA

O fundamento saque no voleibol tem sido alvo de pesquisas relacionadas às questões físicas (PALAO *et al.*, 2004), técnicas (ZETOU *et al.*, 2006); táticas (LOZANO, 2007) e psicológicas (SHOENFELT; GRIFFITH, 2008). Desde que o voleibol foi criado, o saque tinha apenas o objetivo de colocar a bola em jogo. Entretanto, com a evolução das regras, o aumento na estatura dos atletas, o desenvolvimento do porte físico dos jogadores, os avanços quanto ao tipo de técnica de execução utilizada e sua função no jogo, o saque passou a ser fundamental para dificultar as ações do adversário, além de ser uma forma de busca por um ponto de ação direta (RIBEIRO, 2004).

Além de ser o primeiro fundamento para iniciar uma partida de voleibol, é considerado uma habilidade motora fechada, pois a sua execução está sob o comando do atleta (SHOENFELT; USRY, 2005). Para executar um bom saque, características como precisão na trajetória da bola, posicionamento do atleta, potência, emprego estratégico e nível de dificuldade imposto ao adversário são de suma importância para o sacador (MACHADO, 2006). Além disso, um conjunto de atributos se faz necessário, como atenção, percepção, memória, antecipação, tomada de decisão, motivação e controle emocional (NOCE; SAMULSKI, 2002).

Evidências científicas têm demonstrado que quando o atleta possui condições técnicas, físicas, táticas e psicológicas aprimoradas, o seu desempenho real pode ser previsto pela sua capacidade em solucionar problemas que surgem ao longo do jogo (GRECO, 1995; GARGANTA, 1998). Além disso, as variações no rendimento dos atletas no saque durante as partidas são, muitas vezes, decorrentes de flutuações cognitivas, o que não está associado apenas à mudança no seu nível de habilidade motora, na sua capacidade, fisiológica ou na mecânica da performance, mas sim no controle mental do atleta, que influencia o equilíbrio do seu desempenho (HARRIS, 1991; STEFANELLO, 2007). Uma das possíveis explicações para essa flutuação é que o comportamento do atleta é influenciado pelo pensamento-sentimento-ação. Quando ocorre algum problema cognitivo ou emocional, ele sente dificuldade em planejar uma ação racional e lidar com as emoções que aparecem durante as competições (DESCHAMPS; DE ROSE, 2006).

Alguns autores citam como as capacidades mentais mais importantes no voleibol a concentração, a autoconfiança e o autocontrole(MING, 1991; DE ROSE JR *et al.*, 2001; NOCE; SAMULSKI, 2002). Além desses, a crença do atleta em realizar cursos de ações necessários para alcançar com maestria determinada atividade esportiva específica, está diretamente relacionadas aos processos cognitivos, motivacionais e emocionais dos atletas agindo como indicadores da ação futura(BANDURA, 1997). Além do mais, exercem importante influência na maneira como os indivíduos agem e se comportam, bem como na regulação dos seus padrões de pensamento e reações emocionais que vivenciam em situações de realização. Determinam, ainda, o esforço e a persistência futura frente a obstáculos na busca de melhor rendimento e/ou objetivo estabelecido (BANDURA, 1995).

Na última década, estudos com modalidades como basquete (ORTEGA; OLMEDILLAA; *et al.*, 2009; MARCOS *et al.*, 2010), golfe(BEAUCHAMP *et al.*, 2002; HAYSLIP JR *et al.*, 2010), futebol (BRAY *et al.*, 2004; BARKER; JONES, 2008), críquete (BARKER.; JONES, 2006), escalada (LLEWELLYN *et al.*, 2008), corrida (MARTIN, 2002), equitação (BEAUCHAMP; WHINTON, 2005), tênis (HATZIGEORGIADIS *et al.*, 2008) e voleibol (KITSANTAS; ZIMMERMAN, 2002; SHOENFELT; GRIFFITH, 2008) têm investigado a crença dos atletas acerca do seu desempenho em determinados fundamentos ou na modalidade como um todo.

Tendo por base a Teoria do Núcleo de Autoavaliações (JUDGE *et al.*,2003), a avaliação de situações mais específicas são afetadas por situações mais fundamentais da vida. Desta forma, a autoavaliação, autoconhecimento ou a conscientização por parte do atleta é importante para uma atuação eficaz. A autoavaliação positiva aumenta a vontade e a motivação do indivíduo, ocasionando em um desempenho que se manifesta na melhor expressão possível das suas aptidões (BANDURA, 1989).

Assim, considerando a relevância da autoavaliação em ações esportivas, especificamente no saque do voleibol, o presente estudo se propôs a validar a tradução e adaptação da *Volleyball Serving Self-Evaluation Scale* (SHOENFELT; GRIFFITH, 2008)para a língua portuguesa em atletas de voleibol brasileiros.

1.2 OBJETIVOS

Geral

-Validar a tradução e adaptação transcultural da *Volleyball Serving Self-Evaluation Scale* para a língua portuguesa corrente no Brasil.

Específicos

- Traduzir e adaptar a *Volleyball Serving Self-Evaluation Scale* para atletas brasileiros de voleibol da categoria adulto.

- Verificar as validades de conteúdo, de construto e de critério da versão traduzida e adaptada (Escala de Autoavaliação no Saque do Voleibol – EASV) com atletas de voleibol brasileiros da categoria adulto.

- Averiguar a fidedignidade da Escala de Autoavaliação do Saque do Voleibol (EASV) para atletas de voleibol da categoria adulto, considerando os seus índices de consistência interna e estabilidade.

- Verificar o nível de sensibilidade da Escala de Autoavaliação do Saque para atletas brasileiros do sexo masculino e feminino de categorias infantil, infantojuvenil e adulto.

1.3 Definição de Termos

Autoavaliação do Núcleo –“É a avaliação fundamental da própria dignidade, eficácia e capacidade como pessoa” (JUDGE *et al.*, 2003, p. 304).

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 TEORIA SOCIAL COGNITVA

A Teoria Social Cognitiva (TSC) propõe que as pessoas criam e desenvolvem percepções individuais sobre si mesmas, que se tornam instrumentos para os objetivos que almejam e para o controle que exercem sobre o seu ambiente (BANDURA, 1986). A TSC baseia-se na visão de agência humana, segundo a qual as pessoas são *agentes* (organizam e executam) que podem realizar ações através de seus atos e se envolvem de forma proativa em seu desenvolvimento (PAJARES; OLAZ, 2008).

O comportamento e o pensamento humano são produtos de uma interrelação dinâmica entre influências pessoais, comportamentais e ambientais, denominada *causação recíproca triádica*, que designa as pessoas como auto-organizadas, proativas, autorreflexivas e autorreguladas. Esta relação é representada por um triângulo em que os vértices se influenciam em dois sentidos com forças não obrigatoriamente iguais, sendo que todas as direções causais possíveis e todos os causadores influenciam um ao outro bidireccionalmente (MORENO, 2007).

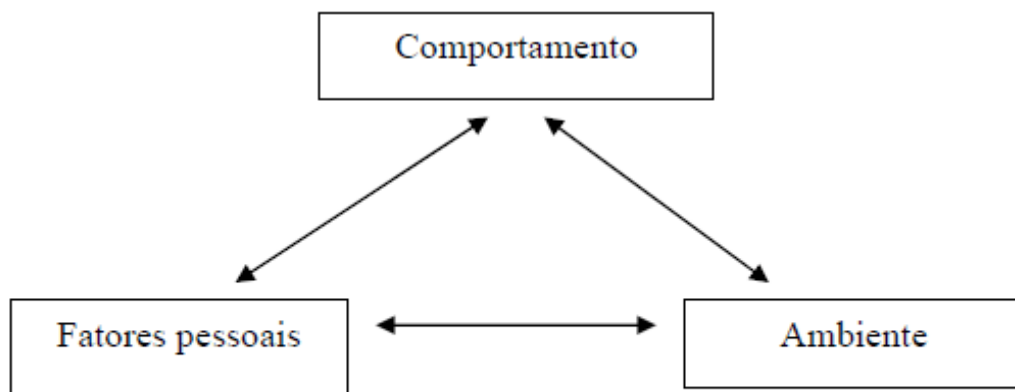


FIGURA1. RECIPROCIDADE TRIÁDICA NA TEORIA SOCIAL COGNITIVA DE BANDURA (PAJARES; OLAZ, 2008)

A teoria de Bandura preza que cada indivíduo possui um autossistema que o permite desempenhar uma avaliação sobre o controle dos seus pensamentos, sentimentos e ações que afetam seu comportamento. Este sistema fornece

referências mecânicas e um conjunto de subfunções para perceber, regular e avaliar o comportamento através da influência mútua entre sistema e as influências do ambiente (BANDURA, 1986).

Desta forma, as atividades cognitivas constituem processos de autoinfluência que são exercidas sobre os cursos de ação a serem tomados. Assim, um indivíduo irá comportar-se de maneira diferente em uma moldura eficaz de pensamento do que um indivíduo ineficaz, mas o indivíduo continua a ser o agente dos pensamentos, do esforço e das ações. O pensamento é parcialmente influenciado por experiências, mas não completamente moldado por estímulos passados. As análises operantes enfatizam como os julgamentos e as ações das pessoas são determinadas pelo ambiente, mas desconsideram o fato de que o ambiente em si é, em parte, determinado pelas ações das pessoas. Em resumo, o comportamento humano é determinado, mas é determinado parcialmente pelo indivíduo, mais que unicamente pelo ambiente (BANDURA, 1997).

A TSC atribui à autoeficácia um preceito de crenças que fomenta princípios de como motivar, tornar-se capaz e nortear os seres humanos para mudanças sociais e pessoais (BANDURA, 1997). Desta forma, a autoeficácia é definida como julgamentos das pessoas em suas capacidades para organizar e executar cursos de ação necessários para alcançar determinados tipos de desempenho (BANDURA, 1986, 1997).

Estas crenças de autoeficácia permeiam praticamente todos os âmbitos da vida das pessoas, determinam a regulação dos padrões do pensamento e seu comportamento, influenciando as reações afetivas e a motivação em si (BANDURA, 1986). Pessoas com alta autoeficácia em determinadas atividades possivelmente passarão por mais reações afetivas positivas, terão motivação e objetivos altos para realizar do que pessoas com baixa autoeficácia (BENCK, 2006).

A Teoria da Autoeficácia surgiu pela necessidade de compreender a afinidade do comportamento do ser humano por meio dos processos psicológicos. Independente de quais sejam suas formas, os processos psicológicos modificam o nível e a força de autoeficácia. Desta forma, para se avaliar a autoeficácia, três dimensões distintas são propostas por Bandura (1997; 2006): nível de autoeficácia, força da autoeficácia e generalização das expectativas de autoeficácia.

O nível de autoeficácia remete à concretização ou não do desempenho que o indivíduo espera obter ou ao número de tarefas que ele pretende concretizar. Já a

força de autoeficácia refere-se ao grau de certeza do indivíduo de que ele é capaz de realizar com maestria tarefas com diversos níveis de dificuldade. Por fim, a generalização das expectativas de autoeficácia remete ao número de domínios, situações específicas ou especialidades em que o sujeito se considera eficaz.

A Teoria da Autoeficácia diferencia a fonte dos dados (o indivíduo) e o nível do fenômeno avaliado (eficácia pessoal ou de grupo). A eficácia pessoal está relacionada ao eu e as crenças pessoais, enquanto a eficácia de grupo associa-se ao sentimento comum de incompetência entre uma equipe sobre a capacidade do grupo para ser bem sucedida na sua tentativa de atender às demandas colocadas sobre os membros.

Desta maneira, entre os tipos de autoeficácia, deve-se considerar uma distinção entre as crenças ou expectativas de autoeficácia e as expectativas de resultado ou percepção de controle quanto aos resultados. As primeiras fazem referência às capacidades de executar cursos de ações e as segundas priorizam o fruto dessas ações, sendo, portanto, a relação entre as ações e os resultados que o indivíduo pode não exercer algum controle. Como exemplo, um aluno com acentuadas crenças de eficácia para escrever uma redação pode não ter expectativas positivas de que o professor irá valorizar sua performance, ou seja, serão baixas suas expectativas de resultados (BZUNECK, 2009).

No esporte, a relação entre a autoeficácia e a execução de tarefas esportivas e motoras vem sendo estudada desde o início da década de 1980, em modalidades como ginástica, natação, tiro olímpico, tênis, hóquei e corridas de maratonas (BALAGUER, ISABEL *et al.*, 1995).

Em relação aos fatores que influenciam na percepção de autoeficácia estão as expectativas de efeito, as crenças sobre as consequências da ação (positiva ou negativa) e o tipo de expectativa: efeitos físicos do comportamento; efeitos sociais do comportamento e reações da autovalorização do comportamento, no esforço e persistência futura (BENCK, 2006).

A expectativa de efeito pode ser vista de duas formas: (a) expectativa de eficácia pessoal, referente à convicção e ao grau de certeza na capacidade de realizar com maestria determinada ação para alcançar o objetivo almejado; e (b) expectativa de resultado, atinente à crença pessoal de que determinada atividade levará ao resultado. A diferença é que na primeira situação o atleta sabe o resultado da ação que anseia atingir, mas não sabe se conseguirá concluí-la. Na segunda,

expectativa de eficácia pessoal, o atleta sabe o resultado e tem certeza que realizará. Assim, os dois conceitos são preditores do desempenho (BANDURA, 1993).

As consequências da ação são os julgamentos sobre os resultados do comportamento que podem ser positivos ou negativos e relacionados às características comportamentais, sociais e autoavaliativas. A autoeficácia positiva tem sido considerada um acionador chave para o bom desempenho dos atletas. Já as crenças negativas podem gerar dúvidas, especialmente se as crenças positivas ainda não estiverem estabelecidas (BANDURA, 1994).

As expectativas do efeito crença sobre as prováveis consequências da ação é o resultado que advém de uma determinada ação ou comportamento. De acordo com a Teoria da Autoeficácia, existem três tipos de efeitos: efeitos físicos do comportamento, efeitos sociais do comportamento e efeitos de autovalorização do comportamento, sendo que dentro de cada efeito existem as expectativas positivas e negativas que poderão incentivar ou não o comportamento (BANDURA, 1990).

A eficácia pessoal pode modelar o tipo de explicação que é apresentado para certos resultados de comportamentos, através da relação entre autoeficácia, controle pessoal e dimensões das atribuições causais, sendo que o tipo de comportamento do efeito influencia na percepção de autoeficácia, que também influencia no esforço e persistência futura (BANDURA, 1990).

Desta forma, há parâmetros fundamentais para a avaliação da autoeficácia em atletas: planejamento do comportamento no curso da ação; esforço a ser empreendido na direção do objetivo traçado; tempo de manutenção do curso da ação, considerando a possibilidade de obstáculos e insucessos; resistência às interferências emocionais negativas e consciência da influência do ambiente mais próximo (BANDURA, 1997; 2006).

Estes parâmetros referem-se a um critério técnico essencial na averiguação da autoeficácia em atletas, que tendem a apresentar um padrão de pensamento e comportamento baseados na crença de serem capazes de executar as tarefas necessárias para alcançarem resultados positivos, mesmo que existam possíveis barreiras relacionadas à atividade ou ao ambiente (BANDURA, 1997).

Desta forma, Bandura (1986) determinou as quatro fatores determinantes da autoeficácia, que são as experiências pessoais, a aprendizagem vicária, a persuasão verbal e os estados fisiológicos.

As experiências pessoais estão relacionadas à observação e imitação de modelos que tenham características pessoais percebidas a do atleta observador, sendo que não dizem respeito apenas às experiências vivenciadas pelo esportista, mas também ao aprendizado baseado na observação de outros indivíduos que realizem com sucesso determinada atividade, obtendo o aprendizado pelo modelo.

A aprendizagem vicária é a fonte mais influente nas expectativas de eficácia, pois se baseia na própria experiência. O êxito eleva as expectativas de eficácia. Por outro lado, o insucesso é debilitante quando experimentado durante o processo de desenvolvimento, mas quando um nível de eficácia elevado é alcançado. O fracasso eventual pode desempenhar menor influência na percepção de eficácia, fazendo com que o atleta desprenda mais esforço e persistência automotivada para superar as dificuldades.

A persuasão verbal está relacionada a *feedbacks* positivos ou negativos de fontes externas, como o técnico e as pessoas que convivem com o atleta, a fim de convencê-lo de suas capacidades, desde que sejam pessoas que tenham credibilidade com o esportista.

Os estados fisiológicos, como sintomas de ansiedade, sudorese excessiva, pressão arterial alterada, medo, alteração da frequência cardíaca e fadiga, marcam sinais de vulnerabilidade do atleta, que, quando percebidos por ele, levam-no a julgamentos de baixa capacidade para encarar determinada ocasião. Entretanto, o humor positivo e o bem estar melhoram a percepção de eficácia pessoal e de confiança nas próprias capacidades.

As percepções de autoeficácia colaboram para a motivação no esporte através de suas crenças de eficácia pessoal. Assim, o indivíduo elege os objetivos que tentará atingir, o esforço que vai gastar para realizar esse desafio e o tempo em que vai manter-se persistente em relação às barreiras que encontrará (CRUZ; VIANNA, 1996). O sucesso ou insucesso em tarefas específicas influenciam (fortalecem ou enfraquecem) diretamente a autoeficácia, referindo-se à interpretação de experiências já vividas pela própria pessoa. Do contrário, a crença na ineficácia para executar os objetivos almejados reduz a autoestima, podendo originar sentimentos de depressão (BANDURA, 1989).

Por se tratar de um traço psicológico do indivíduo acerca de sua capacidade para atuar com sucesso numa diversidade de tarefas, a autoeficácia também se estende à experiência de inúmeras circunstâncias, sendo, portanto, possível efetuar

com sucesso determinado comportamento que se almeje (CONDON; HOLLEQUE, 2007).

A autoeficácia varia de momento para momento, de situação para situação, não sendo um traço estável de personalidade, além de ser específica a certo tempo e ambiente, podendo oscilar muito (BANDURA, 1990). O seu desenvolvimento é lento ao longo do tempo, por isso o trabalho é sempre contínuo e de extrema importância para atletas (KEOGH, 1984).

As medidas de autoeficácia têm validade discriminante na previsão de futuros resultados, sendo possível correlacioná-las com o resultado da ação. A autoeficácia concentra-se exclusivamente nas expectativas de tarefas específicas de desempenho, embora as reações da tarefa anterior e expectativas de desempenho futuro estejam frequentemente correlacionadas é possível obter alta autoeficácia sobre a capacidade que a pessoa particularmente não estima, bem como o inverso (BANDURA, 1997).

2.1.1 Núcleo de Autoavaliações (*Core Self-Evaluation*)

A Teoria do Núcleo de Autoavaliações (*Core Self-Evaluation*) em que se baseia a *Volleyball Serving Core Self-Evaluation Scale* (SHOENFELT; GRIFFITH, 2008) adaptada da *Core Self-Evaluation Scale* (JUDGE *et al.*, 2003) tem sua origem nos escritos de Edit Packer (1985;1986). Para esse autor, as avaliações de situações específicas são afetadas por avaliações mais fundamentais, referindo-se a essas avaliações fundamentais como as avaliações do núcleo (CHANG *et al.*, 2012). Essas ideias foram estendidas para elaborar um quadro teórico que explica influências integrativas disposicionais sobre a satisfação no trabalho (MARTOCCHIO; JUDGE, 1997).

Especificamente, as avaliações centrais do *self* foram propostas como avaliações mais fundamentais que as pessoas têm, refletindo uma avaliação de base que está implícita em todas as crenças e avaliações. Deste modo, esta relação foi possível por meio de um estudo de meta-análise de quatro traços: a autoestima, autoeficácia generalizada, locus de controle e estabilidade emocional (neuroticismo baixo) que se relacionavam fortemente com a satisfação no trabalho e desempenho

profissional. Esses achados demonstram que essas características estão entre os melhores preditores de satisfação e desempenho (JUDGE.; BONO, 2001).

No final dos anos 1990 e início de 2000, a discussão sobre a relação entre fatores de personalidade incluídos no *The Five-Factor Model* (ou *Big Five*), os Cinco Grandes Fatores (CGF), ganhou destaque. CGF é uma versão atualizada da Teoria dos Traços da Personalidade que visa descrever as dimensões humanas básicas de maneira consistente e replicável. Os construtos que contemplam o CGF são o neuroticismo, a extroversão, a amabilidade, a conscienciosidade e a abertura para o novo (MCCRAE; COSTA, 1997). Esses fatores são os cinco maiores domínios ou dimensões de personalidade utilizadas em Psicologia contemporânea.

Desta forma, o Big Five serviu como base para Teoria de Autoavaliação do Núcleo e o desenvolvimento desta medida que seguiu a tendência em avaliar fatores da personalidade baseada em fatores reduzidos. A Teoria de Autoavaliação do Núcleo é usada como um quadro para discutir semelhanças entre os quatro traços (autoestima, autoeficácia generalizada, neuroticismo e locus de controle) e suas relações com satisfação e desempenho, avaliadas pela *Core Self-Evaluation Scale*.

As questões que compuseram o instrumento CSES, do qual foi adaptado a *Volleyball Serving Core Self-Evaluation Scale* foram retiradas de instrumentos próprios de medidas de autoeficácia generalizada (JUDGE *et al.*, 1998), autoestima (ROSENBERG, 1965), neuroticismo (WATSON, 2000) e locus de controle (ROTTER, 1966). Após várias pesquisas realizadas por Judge e colaboradores, que descobriram que estes quatro traços principais tem peso sobre um único fator (JUDGE, *et al.*, 1998; JUDGE, *et al.*, 2000; JUDGE.; BONO, 2001; JUDGE *et al.*, 2003), sugerindo que pode ser adequado considerar os traços como indicadores de um conceito latente de ordem superior.

A autoestima corresponde ao valor total que uma pessoa coloca sobre si mesma (HARTER, 1990). A autoeficácia generalizada, uma avaliação do quão bem se acredita que se pode realizar através de uma variedade de situações (LOCKE *et al.*, 1996). O neuroticismo, a tendência a ter um estilo negativista cognitivo/explicativo e se concentrar em aspectos negativos do eu (*self*) (WATSON, 2000). Por fim, o locus de controle, que representa as crenças ou percepções sobre as causas dos acontecimentos em suas vidas.

O locus de controle é interno quando os indivíduos acreditam que os eventos são dependentes de seu próprio comportamento e guiados por suas decisões e esforços. O locus de controle é considerado externo quando os indivíduos creem que seu comportamento é guiado pelo destino, atrelado à sorte ou situações externas (ROTTER, 1966).

Embora a seleção dos itens do instrumento tenha sido inspirada por uma compreensão das quatro características fundamentais individuais de medidas existentes, os itens do CSES não pertencem estritamente às medidas e não representam a medida isolada de cada construto da personalidade. Muitos dos itens podem se argumentar para provar domínios multivariados, sendo que a intenção foi capturar a comunalidade entre as características individuais. Isso foi visto como um caso, e até mesmo uma situação desejável, como vem sendo utilizado nas pesquisas de personalidade contemporânea (JUDGE *et al.*, 2003).

Em uma meta-análise realizada por Chang *et al.*, (2012) foram encontrados 18 estudos publicados que examinaram os mecanismos mediadores do CSES. Nesses estudos, os autores comparavam os resultados encontrados no CSES com o tipo de mediador que poderia influenciar na satisfação no trabalho. Desta forma, duas categorias de mediação foram propostas: avaliações situacionais e ações. Avaliações situacionais abrangem cognições e percepções sobre o trabalho (por exemplo, características sobre o trabalho) e julgamentos e estimativas de como outras coisas se relacionam com o *self* (por exemplo, comparações sociais). Já as ações levam em conta as ações que as pessoas adotam como resultado de avaliações de seu núcleo (por exemplo, seleção de trabalho, persistência frente a contratempos, alcançar o sucesso prático) (MARTOCCHIO; JUDGE, 1997).

Ainda, quatro estudos encontrados nesta meta-análise utilizaram o CSES para avaliar o desempenho no trabalho como um resultado, utilizando também a motivação como um mecanismo mediador na predição de desempenho no trabalho (JUDGE *et al.*, 1998). No entanto, os pesquisadores concluíram que o tipo de mecanismo de motivação examinado têm variado entre os estudos. O restante dos estudos de mediação com o CSES tem examinado resultados que são utilizados como medida única para seu estudo. Dos estudos publicados, apenas um (KACMAR *et al.*, 2009) examinou o CSES como um mediador e não como uma variável exógena, ou seja, uma variável que não é causada por outras variáveis do modelo em questão.

O CSES mede a comunalidade entre as características do núcleo, ao invés da variância específica de fator atribuível aos traços essenciais. Esta escala pode se concentrar em determinar à medida que as autoavaliações do núcleo são traços estáveis, com uma base genética ou se são maleáveis, sujeita a alterações com base no desempenho ou eventos até mesmo a vida (JUDGE *et al.*, 2003). Os autores ainda estenderam essas autoavaliações a avaliações externas por outras pessoas, abordando a forma como uma pessoa próxima avaliaria a pessoa em questão.

Para avaliar a autoeficácia específica das atletas de voleibol no fundamento saque, Shoenfelt e Griffith (2008) adaptaram a *Volleyball Serving Core Self-Evaluation Scale* da *Core Self-Evaluation Scale* (JUDGE *et al.*, 2003) para o contexto esportivo, a fim de avaliar o efeito de um treinamento mental para melhora da eficácia e da autoeficácia no saque de uma equipe feminina de voleibol em uma temporada esportiva.

Devido à escassez de instrumentos que mensurem a autoeficácia específica de atletas no fundamento saque do voleibol e o número baixo (11 atletas) avaliadas por Shoenfelt e Griffith (2008), as autoras não puderam realizar a validação do instrumento. Desta forma, faz-se necessário a tradução e validação dessa adaptação para o contexto esportivo brasileiro, para que as propriedades psicométricas desta escala com atletas nacionais sejam conhecidas.

2.2 PSICOMETRIA

O surgimento da Psicometria foi com a I Guerra Mundial, da qual nasceu uma série de testes para seleção de soldados por parte do exército. Aproveitando este momento, a indústria e as instituições ampliaram a utilização de testes nas áreas de aptidões e personalidades (PASQUALI, 2010).

A Psicometria é vista pelos psicólogos como um ramo da Psicologia que faz conexão com a estatística, utilizando-se de números no estudo dos fenômenos naturais. Impetrou seus primeiros passos de tendências da psicologia de orientação empiricista e da psicologia mentalista, com intuito de avaliar objetivamente as aptidões humanas.

Desta forma, a Psicometria aborda a medida de construtos ou traços latentes, representados por comportamentos observáveis. Mensurar consiste em impor

valores a características ou atributos de um objeto, de acordo com regras que certifiquem a validade e a confiabilidade dos resultados de uma medida (PASQUALI, 1997).

No esporte, a Psicometria vem sendo utilizada para auxiliar aos profissionais que trabalham nessa área a mensurar e avaliar atletas, a fim de permitir a comparação da população pesquisada (BARROSO, 2007). No entanto, a maioria dos instrumentos utilizados na Educação Física, Psicologia e demais ciências é oriundo de outros países, com predominância da língua inglesa.

Quando se pretende validar determinado instrumento em outro país, com língua e cultura diferentes do pesquisador original é necessário obter equivalência entre a fonte original e a população-alvo do instrumento em validação (BEATON *et al.*, 2002; ACQUADRO, 2004).

Para tanto, algumas etapas devem ser seguidas para tornar um instrumento válido, bem como a adaptação transcultural do instrumento, passando pelas validades de conteúdo, de construto e de critério, pela fidedignidade (estabilidade e consistência interna), assim como a sensibilidade do instrumento.

Para isso, inicia-se com a tradução linguística do instrumento, havendo algumas possíveis maneiras para os processos de ajustamento do questionário e validação. É importante que a tradução para o idioma em questão mantenha os mesmos conceitos originais para que se possam realizar comparações entre os resultados obtidos em diversos países (BEATON *et al.*, 2002; ACQUADRO, 2004).

Em sequência, a determinação da validade de conteúdo fornece informações sobre a validade de construto, um tipo de estudo que pode ser incluído na categoria dos métodos intratestes. O instrumento é enviado aos especialistas da área para que analisem os itens e as especificações do conteúdo e do domínio comportamental “amostrado” no teste. A avaliação dos especialistas é realizada em relação à clareza de linguagem, pertinência prática e relevância teórica, bem como para definir a natureza do construto que o teste mede e a organização interna do instrumento (VIANNA, 1983).

Para determinar o grau de validade do instrumento, os especialistas devem em uma escala tipo *Likert*, avaliar os itens do instrumento. Além disso, os avaliadores devem sugerir melhoras nos itens que apresentarem pontuações baixas nas três dimensões (clareza de linguagem, pertinência prática e relevância teórica) (COLLET, 2010).

Contudo, é necessário realizar a concordância desses especialistas na validade conteúdo, utilizando-se do índice *Kappa* ponderado, que avalia o grau de concordância e a magnitude da discordância dos avaliadores ao atribuir pesos diferentes de acordo com a proximidade maior ou menor entre as categorias da variável. É importante a busca de um consenso entre os juízes avaliadores, consistindo na utilização do coeficiente *Kappa*, por se tratar de uma variável categórica, cabendo ao autor a definição e a interpretação dos graus de fidedignidade. A utilização do *Kappa médio* é recomendada quando vários juízes avaliadores forem consultados (COLLET, 2010).

Em decorrência, a validade de construto explica a variância do teste ou seu significado. É a forma mais essencial de validade (PASQUALI, 2001). Esse tipo de validade propõe-se a pesquisar as qualidades psicológicas que o teste mede (KOLCK, 1981). Tem sido entendida como o “grau pelo qual o teste mede um construto teórico ou traço para o qual ele foi designado” (FACHEL; CAMEY, 2000 p. 164),

Para a validade de construto é recomendada a Análise Fatorial Exploratória (AFE), que analisa um padrão de correlações já existentes entre as variáveis e os utiliza para agrupá-las, tendo como objetivo reduzir um grande número de variáveis observadas em fatores que representam dimensões latentes, as quais são variáveis não observadas que se pretende mensurar a partir de variáveis observadas (HAIR *et al.*, 2006).

Como extensão dos fatores encontrados pela AFE, utiliza-se a Análise Fatorial Confirmatória (AFC), que é um indicador para mensurar um construto específico. Tal análise permite ao pesquisador agrupar os indicadores de forma pré-especificada, com intuito de avaliar em que extensão o conjunto de informações aparentemente confirma a estrutura prevista, tendo como base que as variáveis observadas são indicadores imperfeitos de determinados construtos latentes (MUELLER, 1996).

A fidedignidade refere-se à eficiência do instrumento, ao rigor e à precisão do que ele pretende medir. Um instrumento é fidedigno quando obtêm os mesmos resultados em diversas aplicações nas mesmas condições, sendo assim, constante e estável (FACHEL; CAMEY, 2000). Uma das formas de testar a fidedignidade é a utilização do teste-reteste, sendo realizado o cálculo do coeficiente de precisão da correlação entre os escores de um mesmo sujeito, levando-se em consideração o

tipo de instrumento empregado, mas não sendo possível determinar o momento ideal da reavaliação (HILL; HILL, 2000).

A consistência interna é utilizada para verificar a precisão do teste proposto, utilizando-se do teste estatístico *Alfa de Cronbach*, que correlaciona os itens de uma escala de um grupo de respostas, chegando a um índice que varia de 0 a 1 a partir destas correlações, sendo uma das medidas mais utilizadas para essa análise (NETEMEYER *et al.*, 2003).

A validade de critério se refere ao grau de eficácia que um teste tem em prever um determinado desempenho de uma pessoa, podendo ser preditor de uma ação futura, confirmando se um teste tem associação empírica com critérios externos relacionados à medida de outros instrumentos já validados para o mesmo construto. Consideram-se dois tipos de validade de critério, preditiva ou concorrente.

Quando a coleta de dados do instrumento que se pretende validar ocorrer ao mesmo tempo da coleta do instrumento utilizado como critério, considera-se validade concorrente, mas, se os dados de critério forem coletados posteriormente ao instrumento em questão, considera-se validade preditiva (PASQUALI, 2001). Quanto mais os resultados do instrumento de medida proposto para validação se relacionarem com o instrumento já existente (critério), maior a validade de critério (MARTINS, 2006).

A sensibilidade é uma medida capaz de identificar corretamente se um teste realmente está mensurando o que pretende entre a população avaliada e detectar mudanças importantes no construto em que está sendo estudado, refletindo as mudanças que ocorrem na personalidade do avaliado em decorrência da idade, doenças e circunstâncias excepcionais, discriminando bem os indivíduos entre si (ALVES, 2006).

Para validação da tradução e adaptação transcultural da *Volleyball Serving Core Self-Evaluation Scale* serão seguidas as etapas descritas neste tópico.

3 METODOLOGIA

3.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO

O presente estudo está inserido na área da Psicometria, pois pretende traduzir e adaptar transculturalmente o instrumento *Volleyball Serving Self-Evaluation Scale* (SHOENFELT; GRIFFITH, 2008) para a língua portuguesa com atletas brasileiros de voleibol da categoria adulta.

A Psicometria busca mensurar processos mentais através de respostas dadas pelas pessoas a uma série de itens, pelo método quantitativo, que expressa o conhecimento da natureza com maior precisão. Utiliza-se do conjunto de técnicas para medir um conjunto de comportamentos que se deseja avaliar. O processo de validação de instrumentos e/ou de traduções e adaptações transculturais visa determinar o grau de efetividade e exatidão que um determinado instrumento mede o construto em questão (PASQUALI, 2010).

As etapas do processo de validação da *Volleyball Serving Self-Evaluation Scale* (SHOENFELT; GRIFFITH, 2008) são apresentadas na Figura 2.

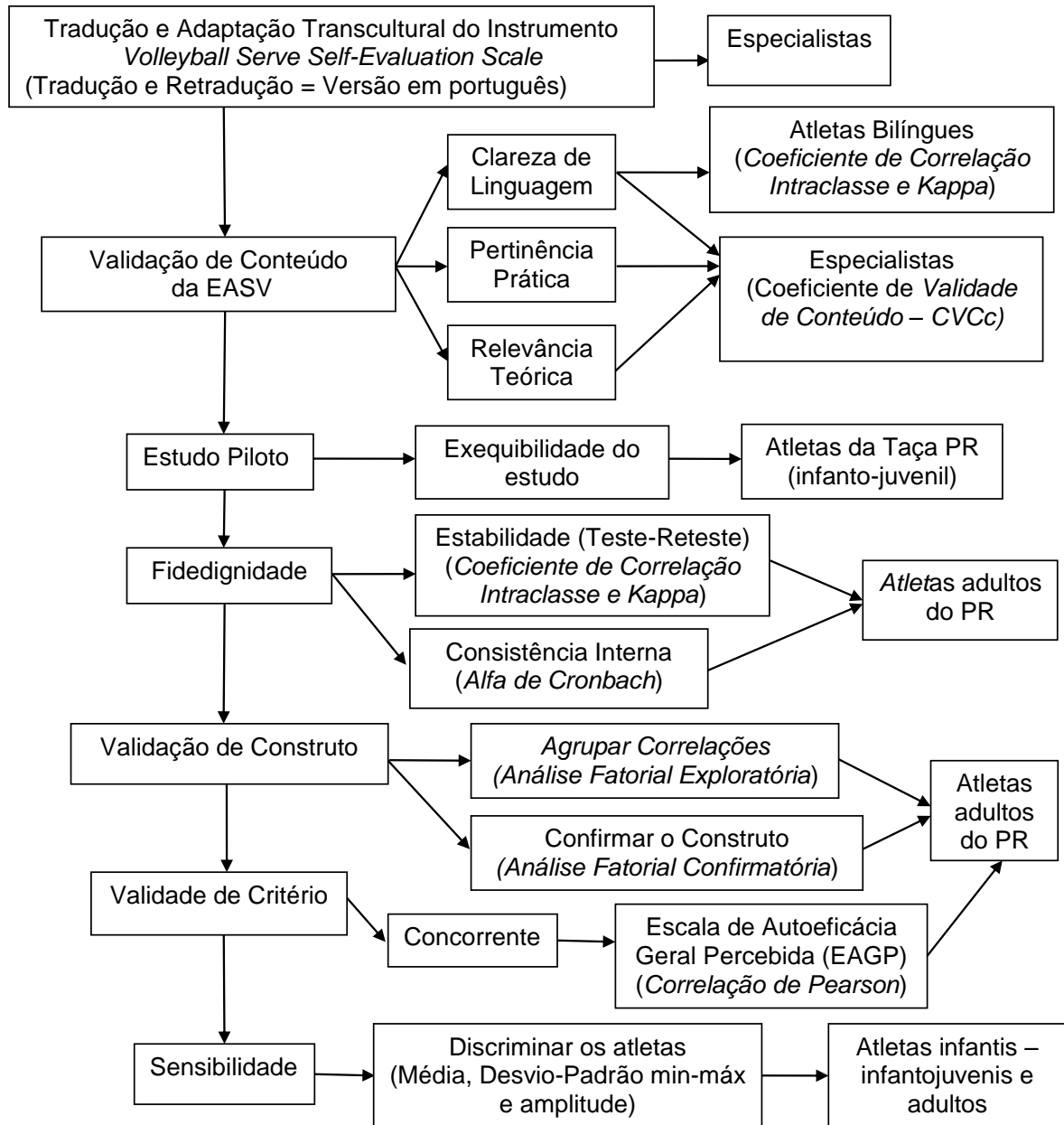


FIGURA2. FLUXOGRAMA ADOTADO PARA O MODELO DE PESQUISA

3.2 VOLLEYBALL SERVING SELF-EVALUATION SCALE

A *Volleyball Serving Self-Evaluation Scale* (SHOENFELT; GRIFFITH, 2008) foi adaptada do original *Core Self-Evaluation Scale* (CSES) (JUDGE *et al.*, 2003) para avaliar a autoeficácia dos atletas, especificamente no fundamento saque do voleibol. É composta por 12 questões de autopreenchimento, referentes à autoestima, locus de controle, neuroticismo e autoeficácia generalizada, utilizando-se uma escala tipo *Likert* para resposta de 1 a 5 (1= Discordo Plenamente, 2= Discordo, 3= Neutro, 4= Concordo, 5= Concordo Plenamente).

Há indicadores positivos e negativos, sendo necessário inverter a pontuação dos itens pares (2, 4, 6, 8, 10 e 12). Um escore único é obtido, com a soma da pontuação de cada item, sendo 12 o mínimo e 60 o máximo atingível, numa escala contínua. Vale ressaltar que o instrumento foi concebido para não apresentar dimensões e para que os itens correspondentes aos quatro construtos que subsidiam sua elaboração (autoestima, locus de controle, neuroticismo e autoeficácia generalizada) se misturassem a fim de captar sua variância compartilhada, de modo que a escala não é facilmente separada em elementos (JUDGE *et al.*, 2003).

3.3 VALIDAÇÃO DA TRADUÇÃO E ADAPTAÇÃO TRANSCULTURAL DA VOLLEYBALL SERVING SELF-EVALUATION SCALE

Para a validação da tradução e adaptação transcultural da *Volleyball Serving Self-Evaluation Scale* (SHOENFELT; GRIFFITH, 2008), inicialmente foi solicitada a autorização das autoras do instrumento, mantendo-se o contato para os esclarecimentos necessários durante todo o processo de validação.

Posteriormente, o estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Seres Humanos do Hospital de Clínicas da Universidade Federal do Paraná, sob o parecer nº 9750/12 (ANEXO 1). As coletas de dados foram realizadas após a autorização dos dirigentes e técnicos esportivos dos clubes participantes e a assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido dos atletas (ANEXO 2). Quando aplicada a menores de idade, foi solicitada a autorização dos pais ou responsáveis (ANEXO

3), bem como assinatura do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido pelos atletas (ANEXO 4).

3.3.1 Tradução e adaptação transcultural da *Volleyball Serving Self-Evaluation Scale*

Para a tradução e adaptação do instrumento original foi utilizada a técnica de tradução reversa (*backtranslation*). Inicialmente foram realizadas duas traduções independentes da “*Volleyball Serving Self-Evaluation Scale*” (SHOENFELT; GRIFFITH, 2008) para a língua portuguesa, por dois especialistas: professores mestres ou doutores com domínio nas áreas de psicologia do esporte e voleibol. Um terceiro especialista com as mesmas características realizou a síntese das duas versões traduzidas. Posteriormente, outros dois especialistas, também bilíngues, que não participaram da etapa anterior, realizaram, de forma independente, a retradução para o idioma original, sendo a síntese desta versão realizada por outro professor com domínio nos dois idiomas. A comparação entre as duas versões em inglês e português foi realizada por outro profissional, a fim de verificar alguma incompatibilidade entre ambas.

A tradução reversa foi utilizada por minimizar o viés de um único tradutor e permitir a comparação dos dados obtidos com as duas versões, original e traduzida (WEEKS *et al.*, 2007).

3.3.2 Validade de conteúdo da versão traduzida e adaptada – Escala de Autoavaliação do Saque do Voleibol (EASV)

O processo de validação de conteúdo seguiu os procedimentos propostos por Cassepp--Borges *et al.*(2010). Para tal, a versão final da tradução da Escala de Autoavaliação do Saque do Voleibol (EASV) foi encaminhada para 10 especialistas na área de voleibol e psicologia esportiva (professores doutores, mestres e técnicos de equipes de alto rendimento e de categorias de base do voleibol). Todos os especialistas avaliaram cada um dos 12 itens que compõem a Escala, de acordo com a sua adequação à teoria estudada, considerando a clareza de linguagem (se os termos e a linguagem utilizados estão de acordo com o indicador), a pertinência

prática do indicador (se possui importância para o construto que o instrumento se propõe avaliar) e a relevância teórica (nível de associação entre o indicador e a teoria). Os juízes-avaliadores responderam a essas questões em uma escala tipo *Likert* (1 a 5), para determinar o grau de validade de cada indicador 1= Discordo plenamente, 2= Discordo, 3= Neutro, 4= Concordo e 5= Concordo plenamente. Para os itens que recebessem pontuação menor que 3 foram solicitadas sugestões para alterações (CASSEPP-BORGES *et al.*, 2010).

Para assegurar a correspondência entre a versão original em inglês (SS-CSES) e a versão final na língua portuguesa (EASV), um grupo de 10 atletas bilíngues, com domínio na língua inglesa e portuguesa, com mais de cinco anos de experiência internacional na modalidade, respondeu as duas versões. Esses atletas eram oriundos de equipes participantes de competições internacionais, alguns com passagens por Seleções Brasileiras de Voleibol, outros atuantes em equipes universitárias americanas. Em um primeiro momento, os atletas foram convidados a participar do estudo via e-mail ou telefone. Em seguida, aos que aceitaram participar da pesquisa foi enviado via e-mail a versão inglesa do instrumento. Após retornarem a versão da escala em inglês respondida, foi aguardado um período de sete dias e enviada a versão em português.

A avaliação da correspondência entre as duas versões, visa assegurar que a versão final traduzida possua conteúdo equivalente ao da versão original em inglês, confirmando a qualidade e a fidedignidade da tradução (CASSEPP-BORGES *et al.*, 2010).

3.3.3 Estudo Piloto

O estudo piloto teve como objetivo testar a exequibilidade do desenho do estudo e o tempo necessário para o preenchimento dos itens da EASV e a clareza do instrumento. Foi solicitado aos atletas que reportassem à pesquisadora termos ou palavras que percebessem dificuldade de interpretação no momento das coletas.

Para a realização do estudo piloto foi realizado contato com a Federação Paranaense de Voleibol e, posteriormente, com os organizadores da Taça Paraná (competição de nível nacional que ocorre anualmente na cidade de Curitiba), que autorizaram a coleta de dados (ANEXO 5). O estudo piloto foi realizado no local da

competição pela própria pesquisadora, antes do aquecimento para os jogos, com a autorização dos técnicos e assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido pelos atletas. Foram convidados 48 atletas infantojuvenis participantes das finais (masculina e feminina) da Taça Paraná de Voleibol 2011.

A aplicação do instrumento levou de 5 minutos a 10 minutos, desde a explicação do estudo por parte da pesquisadora à conclusão das respostas por parte dos atletas. Nenhum dos participantes do estudo expressou dificuldade de compreensão das questões que compõem a EASV, confirmando a exequibilidade e a clareza quanto aos termos pertencentes à escala.

3.3.4 Fidedignidade da versão traduzida e adaptada

A fidedignidade da EASV foi verificada pela estabilidade e consistência interna do instrumento. Participaram desta fase do estudo 98 atletas, de ambos os sexos, de Equipes e Seleções Municipais do Estado do Paraná, da categoria adulto que participam de competições estaduais e algumas equipes de competições nacionais. Um primeiro contato foi realizado com os dirigentes esportivos e técnicos das equipes para que estes autorizassem seus atletas a participarem do estudo de forma voluntária. Para verificar a fidedignidade do instrumento, recorreu-se ao procedimento de teste-reteste, ou seja, a aplicação da EASV foi realizada pela pesquisadora no seu local de treinamento, em dois momentos. Após sete dias de o instrumento ter sido respondido pelos atletas (teste), o mesmo foi reaplicado (reteste). Na ocasião da aplicação do instrumento, os atletas estavam em período de treinamento ou férias. Procurou-se padronizar a aplicação do instrumento nos dois momentos de coleta, a fim de evitar distorções.

Para determinar a consistência interna do instrumento foi calculada a correlação existente entre cada item do teste e o restante dos itens ou o total (score total) dos itens (*Alpha de Cronbach*), utilizando-se, para tal, os dados coletados na primeira aplicação do instrumento (teste).

3.3.5 Validade de construto

A validade de construto foi avaliada pela Análise Fatorial Exploratória, considerando os resultados da primeira aplicação da EASV para os 98 atletas da categoria adulta. Esta análise foi realizada a fim de explorar a relação entre um conjunto de variáveis, identificando padrões de correlação.

Para avaliar a validade de construto (precisão do construto), foram aplicadas as Correlações de *Pearson* e *Policórica*, que visam estimar a matriz de correlação. A Correlação de *Pearson* é comumente utilizada para verificar a intensidade da associação linear existente entre as variáveis. Já a Correlação *Policórica* é utilizada em escalas psicométricas por assumir características operacionais de variáveis latentes, cujos itens ordinais são manifestações, expressando a verdadeira associação entre estas variáveis, e não entre os itens (MAROCO, 2010).

Desta forma, optou-se em apresentar os dois tipos de correlações para que se possa ter uma diferenciação entre ambas.

A validade de construto analisa a conexão teórica dos itens/questões com a escala hipotética. Trata-se do grau em que uma escala mensura a teoria em questão, ou seja, está relacionada à habilidade do instrumento (SILVA; RIBEIRO-FILHO, 2006).

3.3.6 Validade de Critério

Para verificar a validade de critério, foi utilizada a validade concorrente. A validade concorrente representa o grau em que um novo método se correlaciona com outro método já existente e validado (ALVES, 2006).

Para a correspondência com a EASV (APÊNDICE 1) foi utilizada a Escala de Autoeficácia Geral Percebida-(EAEGP) traduzida e adaptada do original (SCHWARZER; JERUSALEM, 1995) por Teixeira e Dias (2005) (APÊNDICE 2) aplicada no mesmo período de avaliação da EASV. A coleta de dados foi realizada via e-mail e presencialmente nos locais de treinamento pela própria pesquisadora.

A EAEGP é um instrumento de autorrelato, composta por 10 itens referentes ao sentimento geral de competência pessoal para lidar eficazmente em diversas situações estressantes, com quatro possibilidades de resposta (1- não é verdade a

meu respeito, 2- é dificilmente verdade a meu respeito, 3- é moderadamente verdade a meu respeito e 4- é totalmente verdade a meu respeito).

A EAEGP validada para a população brasileira apresentou boas propriedades psicométricas, sendo que a consistência interna desta versão da escala apresentou valor de $\alpha = 0.81$. As correlações item-restante obtidas variaram entre 0.38 e 0.60. A análise de componentes principais revelou apenas um componente com *eigenvalue* maior do que 1, sugerindo a unidimensionalidade do construto (o primeiro componente explicou 37.0% da variação total, enquanto o segundo explicou 9.9%). Uma análise de componentes principais reunindo os itens de autoeficácia com mais 11 itens da Escala de Autoestima (ROSENBERG, 1965) foi realizada, sendo que o escore total de autoeficácia correlacionou-se positivamente com o escore de autoestima ($r=0.51$), sugerindo a unidimensionalidade do construto, além de sua distinção do construto de autoestima.

3.3.7 Sensibilidade

A sensibilidade da EASV foi avaliada por meio de indicadores de tendência central e dispersão (média, desvio padrão, escore máximo, mínimo e amplitude). Tais dados foram obtidos na aplicação do instrumento em três categorias (infantil, infantojuvenil e adulto), a fim de verificar se o instrumento se apresentaria sensível para discriminar os grupos.

Devido a nomenclaturas e categorizações das idades diferentes para cada região do Brasil, procedeu-se a utilização das categorias baseadas nas convocações da Seleção Brasileira de Voleibol de base para Campeonatos Mundiais, seguindo as seguintes divisões, infantil masculino: nascidos entre o ano de 1996 a 2000 (12 a 16 anos); infantil feminino: nascidos entre 1997 a 2000 (12 a 15 anos); infantojuvenil masculino: nascidos entre 1994 a 1995 (17 a 18 anos) e infantojuvenil feminino: nascidos entre 1995 a 1996 (16 a 17 anos) (CBV, 2012).

Com esse intuito, a EASV foi aplicada em 84 atletas das categorias infantil, 84 atletas infantojuvenil e 98 atletas adultos do sexo masculino e feminino. O contato com os clubes e técnicos destas categorias foi realizado previamente. Após autorização para aplicação do instrumento, a própria pesquisadora foi aos clubes explicar a pesquisa aos técnicos das equipes e atletas. Havendo o aceite para

participar da pesquisa, os atletas deveriam levar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido aos pais ou responsáveis legais para que estes autorizassem sua participação no estudo. Posteriormente, a pesquisadora retornou aos clubes em período de treinamento, sem que houvesse competição próxima, para aplicação da EASV aos atletas em que os pais ou responsáveis concordaram com sua participação. Todos os atletas participantes utilizavam o saque por cima em treinamentos e competições.

3.3.8 Tratamento Estatístico

Para testar a normalidade dos dados para a categoria adulta, foi utilizado o teste *Kolmogorov-Smirnov* (MARSAGLIA *et al.*, 2003). Os dados demonstraram distribuição normal, sendo possível a estatística paramétrica.

Para a validade de conteúdo (clareza de linguagem, pertinência prática e relevância teórica), avaliada pelo grupo de especialistas, os dados foram agrupados e analisados de acordo com a média geral das notas dos 10 especialistas, considerando o Coeficiente de Validade de Conteúdo (CVC). O *Kappa* médio foi utilizado a fim de verificar a concordância entre os 10 avaliadores do instrumento. Os itens do instrumento foram considerados válidos quando apresentaram índices iguais ou maiores a 80% (CASSEPP-BORGES *et al.*, 2010).

Os dados referentes à clareza de linguagem avaliada pelos atletas bilíngues foram organizados em uma planilha de cálculo Excel do sistema operacional Windows 7 e analisados estatisticamente no software R Development Core Team(2013), por meio do cálculo do coeficiente *Alpha de Cronbach* (PASQUALI, 2011). Para averiguar a correlação entre os itens da escala nas versões em inglês e português foi utilizado o Coeficiente de Correlação Intraclasse (ICC) e o Índice *Kappa* (REVELLE, 2011).

Para a análise da fidedignidade do instrumento (estabilidade) foi utilizado o teste e o reteste da EASV, sendo calculado o Coeficiente de Correlação Intraclasse (ICC), por meio da Correlação de *Pearson*. Calculou-se, também, o Índice de concordância *Kappa* para medir o grau de concordância entre o teste e o reteste. Para comparar as médias obtidas entre homens e mulheres, o Teste *t-Student* (MORETTIN; BUSSAB, 2010) foi empregado.

Com intuito de calcular possíveis diferenças nas respostas obtidas das aplicações do instrumento presencial e via e-mail, utilizou-se o Teste-*t- Student*.

Para avaliar a consistência interna do instrumento realizou-se a análise do Coeficiente α de *Cronbach* para todos os itens individualmente e de forma geral (PASQUALI, 2011).

Com o objetivo de estimar a matriz de correlação entre os itens foram empregados os coeficientes de correlação de *Pearson* e correlação Policórica (BISTAFFA, 2010). A matriz da Correlação Policórica foi utilizada como base para aplicação da Análise Fatorial Exploratória (AFE) (HAIR *et al.*, 2006). Foi utilizado o método das componentes principais para estimação das cargas fatoriais e das especificidades. O método de rotação varimax foi aplicado a fim de se obter uma solução que melhor discriminasse os fatores. O número de fatores a ser considerado foi definido pela avaliação do gráfico *screeplot* e dos componentes com autovalores maiores que 1 (MINGOTI, 2005).

A fim de agrupar variáveis latentes observadas em um número reduzido de fatores, foi utilizada a Análise Fatorial Exploratória. Para verificar a dimensionalidade do instrumento, foi utilizada a Análise Fatorial Confirmatória pelo método de máxima verossimilhança (MINGOTI, 2005).

Para validade de critério – validade concorrente - procedeu-se ao cálculo da correlação de *Pearson* (MORETTIN; BUSSAB, 2010) entre a soma total das respostas dos atletas nas questões da EASV (teste) e a soma total das respostas nas questões da EAEGP.

Com o intuito de avaliar a sensibilidade do instrumento para atletas de diferentes categorias etárias foram utilizados indicadores de tendência central e dispersão (média, desvio padrão, mínimo, máximo e amplitude) para cada uma das categorias infantil, infantojuvenil e adulto (SARAIVA *et al.*, 2011).

4 RESULTADOS

4.1 VALIDAÇÃO DE CONTEÚDO

Nesse tópico serão apresentados os resultados referentes à validação de conteúdo da EASV (clareza de linguagem, pertinência prática e relevância teórica). A clareza de linguagem foi verificada por dois procedimentos: (a) pelo Coeficiente de Correlação Intraclasse e Índice *Kappa* entre as duas versões do instrumento (inglês e português) respondidas por um grupo de atletas bilíngues; e (b) por um grupo de 10 especialistas, mestres e/ou doutores, com domínio nas áreas da Psicologia do Esporte e Voleibol.

A Tabela 1 apresenta o Coeficiente de Correlação Intraclasse (ICC) e o Índice *Kappa* encontrados entre as duas versões do instrumento (versão inglês e versão em português), quando avaliadas por atletas bilíngues para verificar a clareza de linguagem do instrumento.

TABELA1. ICC E *KAPPA* ENTRE A VERSÃO EM INGLÊS E A VERSÃO EM PORTUGUÊS

Questão	ICC	Limite inferior (IC 95%)	<i>Kappa</i> Estimado	Limite superior (IC 95%)
1	0.93	0.67	0.87	1.07
2	0.96	0.88	0.96	1.04
3	0.97	0.92	0.97	1.03
4	0.74	0.23	0.72	1.21
5	0.97	0.89	0.96	1.03
6	0.73	0.37	0.72	1.07
7	0.70	0.01	0.63	1.24
8	0.71	0.21	0.69	1.17
9	1.00	1.00	1.00	1.00
10	0.97	0.89	0.96	1.04
11	0.87	0.72	0.91	1.09
12	0.77	0.30	0.75	1.20

Os valores de *Kappa* adotados no presente estudo seguiram as recomendações de Landis; Koch (1977), sendo: concordância ruim (valores inferiores a 0.20), fraca (0.21 a 0.40), moderada (0.41 a 0.60), boa (0.61 a 0.80) e concordância excelente (0.81 a 1.0).

O Coeficiente de Correlação Intraclasse Total foi de 0.95 e o Índice *Kappa* estimado foi de 0.93, indicando excelente correlação entre a versão em inglês e a versão em português do instrumento traduzido e adaptado, sem que houvesse necessidade de modificação na redação dos itens que compuseram a EASV.

Analisando separadamente as 12 questões do instrumento, verificou-se que sete delas (1, 2, 3, 5, 9, 10 e 11) apresentaram confiabilidade acima de 0.80, sendo consideradas excelentes. Nas questões 4, 6, 8 e 12 encontraram-se correlações entre 0.70 e 0.80, consideradas boas. Apenas a questão 7 apresentou menor confiabilidade, produzindo uma estimativa de 0.63 para o Coeficiente *Kappa*, mesmo assim sendo considerada boa.

O Quadro 2 apresenta os resultados da validação de conteúdo, obtidos pela avaliação do instrumento pelo grupo de especialistas, incluindo a clareza de linguagem, a pertinência prática e a relevância teórica da EASV.

Analisando-se os valores médios do Coeficiente de Validade de Conteúdo corrigido (CVCc), encontrou-se 0.88 para clareza de linguagem, 0.92 para a pertinência prática e 0.94 para a relevância teórica, obtendo-se média geral de 0.91 para validade de conteúdo, o que sugere que o instrumento adaptado é válido e aplicável. Quando observados os valores obtidos para cada item separadamente, notou-se que todos obtiveram índices de validade de conteúdo acima de 0.80.

QUADRO 1. VALORES MÉDIOS DO COEFICIENTE DE VALIDADE DE CONTEÚDO (CVCc)

Questões	CVCc CL	CVCc PP	CVCc RT
1. Estou confiante que conseguirei o sucesso que mereço quando eu saca.	0,88	0,94	0,96
2. Às vezes me sinto deprimido quando penso no meu saque.	0,86	0,86	0,88
3. Quando eu tento sacar, geralmente eu me saio bem.	0,80	0,92	0,92
4. Às vezes, quando eu erro o saque, eu me sinto inútil.	0,92	0,90	0,92
5. Eu executo meu saque com sucesso.	0,86	0,94	0,92
6. Às vezes, eu não me sinto no controle do meu saque.	0,96	0,92	0,92
7. No geral, eu estou satisfeito com o meu saque.	0,86	0,96	0,96
8. Eu estou cheio de dúvidas sobre a minha competência ao sacar.	0,94	0,90	0,94
9. Eu determino o que vai acontecer com o meu saque.	0,84	0,92	0,98
10. Eu não me sinto no controle do sucesso do meu saque.	0,86	0,92	0,96
11. Eu sou capaz de lidar com a maioria dos problemas do saque.	0,88	0,96	0,98
12. Há momentos em que meu saque parece muito ruim e inadequado para mim.	0,90	0,92	0,92
Valores médios	0,88	0,92	0,94
Valor médio geral		0,91	

*CVCc: OBTIDO PELA AVALIAÇÃO DOS ESPECIALISTAS PARA AS 12 QUESTÕES DA EASV CONSIDERANDO A CLAREZA DE LINGUAGEM (CL), PERTINÊNCIA PRÁTICA (PP) E RELEVÂNCIA TEÓRICA (RT).

4.2 FIDEDIGNIDADE DA EASV

4.2.1 Estabilidade da EASV

A estabilidade do instrumento traduzido e adaptado para língua portuguesa (EASV) foi realizada pelo procedimento de teste e reteste, em duas aplicações da EASV, com intervalo de sete dias entre elas.

A Tabela 2 apresenta o Coeficiente de Correlação Intraclasse (ICC), o Índice *Kappa* e o valor da Correlação de *Pearson* entre o teste e o reteste da EASV para atletas adultos de ambos os sexos.

TABELA 2. ICC, *KAPPA* E CORRELAÇÃO DE *PEARSON* ENTRE TESTE E RETESTE DA EASV

Questões	ICC	Correlação <i>Pearson</i>	Limite inferior (IC 95%)	<i>Kappa</i> Estimado	Limite superior (IC 95%)
1	0.94	0.94	0.88	0.94	1.00
2	0.85	0.85	0.73	0.85	0.96
3	0.89	0.89	0.80	0.89	0.97
4	0.96	0.96	0.93	0.95	0.98
5	0.89	0.89	0.81	0.89	0.97
6	0.85	0.86	0.75	0.85	0.95
7	0.93	0.93	0.87	0.93	0.99
8	0.93	0.93	0.87	0.92	0.98
9	0.93	0.93	0.89	0.93	0.97
10	0.80	0.80	0.66	0.80	0.94
11	0.91	0.91	0.83	0.91	0.98
12	0.83	0.83	0.72	0.83	0.93

Para todas as questões, o Coeficiente de Correlação Intraclasse obteve confiabilidade forte (acima de 0.80) em relação ao teste e reteste. De forma geral, o instrumento obteve escore total Intraclasse 0.95, Índice *Kappa* de 0.93 e correlação de *Pearson* de 0.96, valores considerados excelentes para fidedignidade.

A Tabela 3 apresenta os resultados da comparação de cada questão da EASV entre homens e mulheres, obtidos pelo Teste *t-student*.

TABELA 3. RESULTADOS DO TESTE t PARA CADA QUESTÃO DA EASV ENTRE HOMENS E MULHERES

Questões	Mulheres		Homens		<i>p-value</i>
	Média	DP	Média	DP	
1	3,46	(1,07)	3,83	(0,77)	0.06
2	3.83	(0.96)	3.89	(1.00)	0.49
3	3.77	(0.83)	3.91	(0.82)	0.41
4	3.38	(1.26)	3.47	(1.33)	0.67
5	3.29	(0.90)	3.72	(0.75)	0.01*
6	2.98	(1.15)	2.98	(1.09)	0.50
7	3.30	(1.05)	3.68	(0.99)	0.11
8	3.85	(0.96)	3.90	(0.91)	0.93
9	3.23	(0.97)	3.91	(0.77)	0.01*
10	3.60	(0.92)	3.81	(0.85)	0.34
11	3.52	(1.00)	3.88	(0.84)	0.09
12	3.15	(1.11)	2.81	(1.13)	0.20

DP: Desvio-Padrão - *Diferença Estatisticamente Significativa

Os resultados apresentados na Tabela 3 demonstraram que houve diferença significativa entre os sexos apenas para as questões 5 e 9, sendo que em ambas tem-se maior pontuação média para os homens.

A Tabela 4 apresenta os resultados das aplicações do instrumento de duas formas: (a) presencial, sendo aplicado pela própria pesquisadora nos locais de treinamento; (b) não presencial, sendo aplicado (enviado e recebido) por e-mail. Cerca de 30, do total de 98 atletas, responderam a EASV via e-mail.

TABELA 4. RESULTADOS DO TESTE t PARA CADA QUESTÃO DA EASV ENTRE AS APLICAÇÕES DA ESCALA VIA E-MAIL E PRESENCIALMENTE.

Questões	Não Presencial		Presencial		<i>p-value</i>
	Média	DP	Média	DP	
1	3.56	0.91	3.73	0.94	0.36
2	4.14	0.72	3.68	1.07	0.03*
3	3.69	0.87	3.94	0.77	0.33
4	3.53	1.32	3.35	1.28	0.59
5	3.29	0.91	3.67	0.75	0.04*
6	3.14	1.18	2.87	1.07	0.18
7	3.26	1.05	3.66	0.99	0.09
8	3.88	0.95	3.85	0.95	0.89
9	3.40	0.90	3.73	0.90	0.12
10	3.76	0.71	3.68	0.97	0.95
11	3.38	0.99	3.91	0.86	0.01*
12	3.04	1.16	2.88	1.12	0.55
Todas					0.59

DP: Desvio-Padrão- *Diferença Estatisticamente Significativa

Os resultados apresentados na Tabela 4 demonstraram que houve diferença significativa entre as aplicações da EASV de maneira presencial e via e-mail apenas para as questões 2, 5 e 11.

4.2.2 Consistência Interna dos Itens que compõem a EASV

Com o objetivo de testar a consistência interna do instrumento traduzido e adaptado (EASV) foi calculado o *Alpha de Cronbach* (α) para cada questão e para o conjunto de questões (*Alpha de Cronbach* geral).

O Quadro 3 apresenta o valor do *Alpha de Cronbach* para cada questão e para o conjunto de questões que compõem a EASV.

QUADRO 2. CONFIABILIDADE (*ALPHA DE CRONBACH*) DA ESCALA DE AUTOAVALIAÇÃO NO SAQUE DO VOLEIBOL (EASV)

Questões	α
1. Estou confiante que conseguirei o sucesso que mereço quando eu saço.	0,85
2. Às vezes me sinto deprimido quando penso no meu saque.	0,86
3. Quando eu tento sacar, geralmente eu me saio bem.	0,86
4. Às vezes, quando eu erro o saque, eu me sinto inútil.	0,87
5. Eu executo meu saque com sucesso.	0,85
6. Às vezes, eu não me sinto no controle do meu saque.	0,87
7. No geral, eu estou satisfeito com o meu saque.	0,85
8. Eu estou cheio de dúvidas sobre a minha competência ao sacar.	0,85
9. Eu determino o que vai acontecer com o meu saque.	0,85
10. Eu não me sinto no controle do sucesso do meu saque.	0,86
11. Eu sou capaz de lidar com a maioria dos problemas do saque.	0,86
12. Há momentos em que meu saque parece muito ruim e inadequado para mim.	0,87
<i>Alpha de Cronbach</i> geral	0,87

O valor do *Alpha de Cronbach* para todas as questões avaliadas individualmente foi superior a 0.85, demonstrando que as questões isoladas são consistentes com o conjunto de questões. O valor geral do *Alpha de Cronbach* para as questões agrupadas foi 0.87, evidenciando a confiabilidade do instrumento como um todo.

Para atletas homens e atletas mulheres, o valor do *Alpha de Cronbach* foi maior que 0.85.

4.3 VALIDADE DE CONSTRUTO DA EASV

Com o objetivo de estimar a matriz de correlação que melhor demonstrasse as relações entre os itens da EASV, para aplicação da Análise Fatorial Exploratória, foram realizadas as correlações de *Pearson* e *Policórica*.

A Figura 4 apresenta a matriz estimada pela Correlação de *Pearson* e a Figura 5 exhibe a matriz estimada pela Correlação *Policórica*.

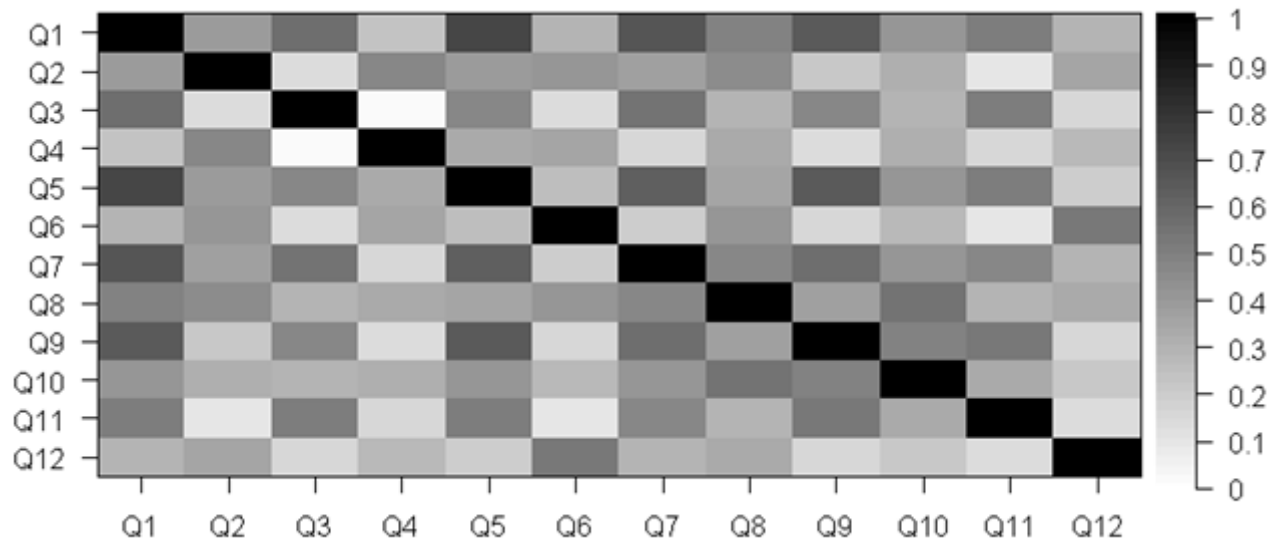


FIGURA 3. MATRIZ DA CORRELAÇÃO DE PEARSON

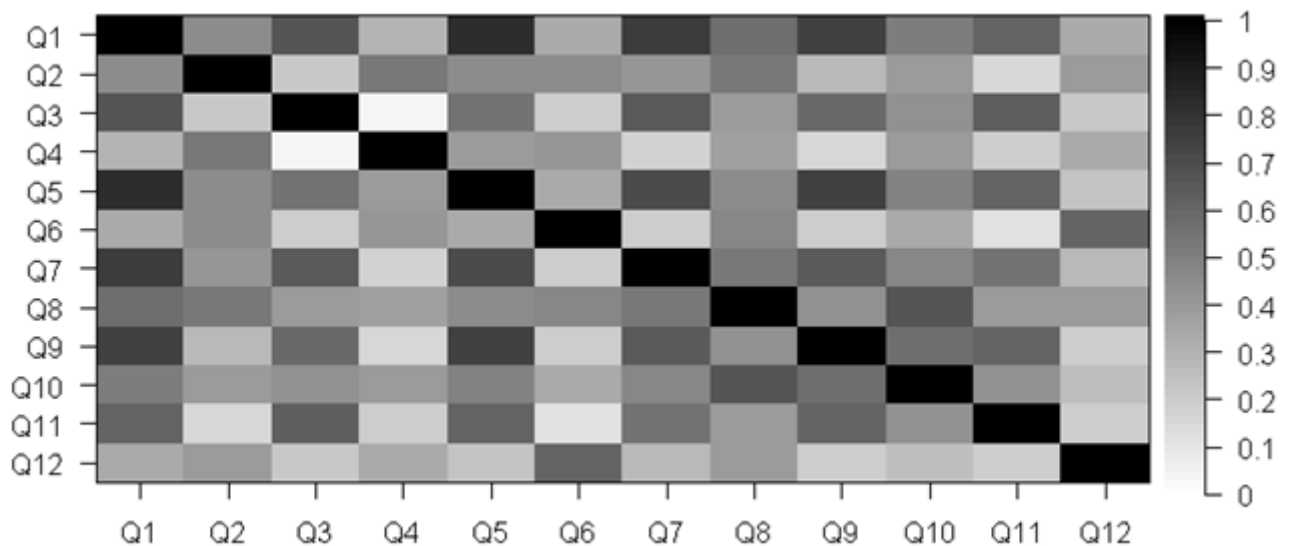


FIGURA 4. MATRIZ DA CORRELAÇÃO POLICÓRICA

Os quadriculados mais claros, em ambas as figuras, representam as questões que estão fortemente correlacionadas, expressando associação que serve como base para a análise fatorial exploratória. Apenas as questões 3 e 4 apresentaram correlação fraca.

Apesar de ambas as correlações (*Pearson* e *Policórica*) apontarem fortes correlações entre as questões, optou-se por utilizar a Matriz *Policórica* para a Análise Fatorial Exploratória, uma vez que esta produz melhores estimativas entre variáveis latentes, como indicam estudos mais recentes nas áreas da saúde e em estudos com escalas psicométricas tipo *Likert* (MAROCO, 2010).

A Análise Fatorial Exploratória foi realizada por meio do método de componentes principais para estimação das cargas fatoriais e das especificidades (REVELLE, 2011). O método de rotação *varimax* foi aplicado com o intuito de se obter uma solução que melhor discriminasse os fatores. O número de fatores estimado foi determinado pela avaliação do gráfico *ScreePlot* e dos componentes com autovalores maiores que 1 (MINGOTI, 2005) apresentado na Figura 6.

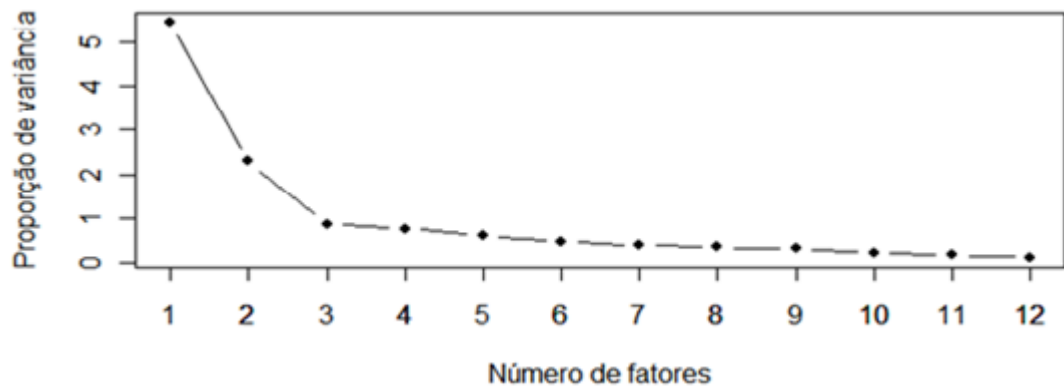


FIGURA 5. GRÁFICO SCREEPLOT PARA ESCOLHA DE FATORES DA EASV

A escolha do método utilizado levou em consideração o número de variáveis em análise. Inicialmente, foi realizada a Análise Fatorial Exploratória para um fator, uma vez que se pretendeu testar a unidimensionalidade do instrumento, tal como originalmente concebido. O Quadro 4 apresenta a Análise Fatorial Exploratória para um fator.

QUADRO 3. ANÁLISE FATORIAL PARA UM FATOR

Questões	1 fator	Comunalidade	Especificidade
1	-0,88	0.78	0.22
2	-0,55	0.31	0.69
3	-0,70	0.49	0.51
4	-0,41	0.17	0.83
5	-0,84	0.70	0.30
6	-0,42	0.18	0.82
7	-0,80	0.64	0.36
8	0,70	0.49	0.51
9	-0,78	0.61	0.39
10	-0,67	0.44	0.56
11	-0,69	0.48	0.52
12	-0,40	0.16	0.84

A Análise Fatorial Exploratória para um fator demonstrou que alguns itens obtiveram carga fatorial muito baixa, não explicando suficientemente a unidimensionalidade do instrumento, sendo indicado analisar o instrumento de forma multidimensional. Assim, optou-se por aplicar a Análise Fatorial Exploratória para quatro fatores, a fim de preservar os quatro construtos (AEG= autoeficácia generalizada, AE= autoestima, LC= locus de controle e NEU= neuroticismo) que norteiam a versão em inglês, adaptada da *Core Self-Evaluation Scale* (JUDGE *et al.*, 2003), proposta para trabalhadores. Tendo como base os quatro fatores obtidos, foram calculados escores para cada atleta usando o método do mínimo quadrado ponderado (MINGOTI, 2005).

A Figura 6 apresenta o modelo com 4 fatores proposto pela Análise Fatorial Exploratória.

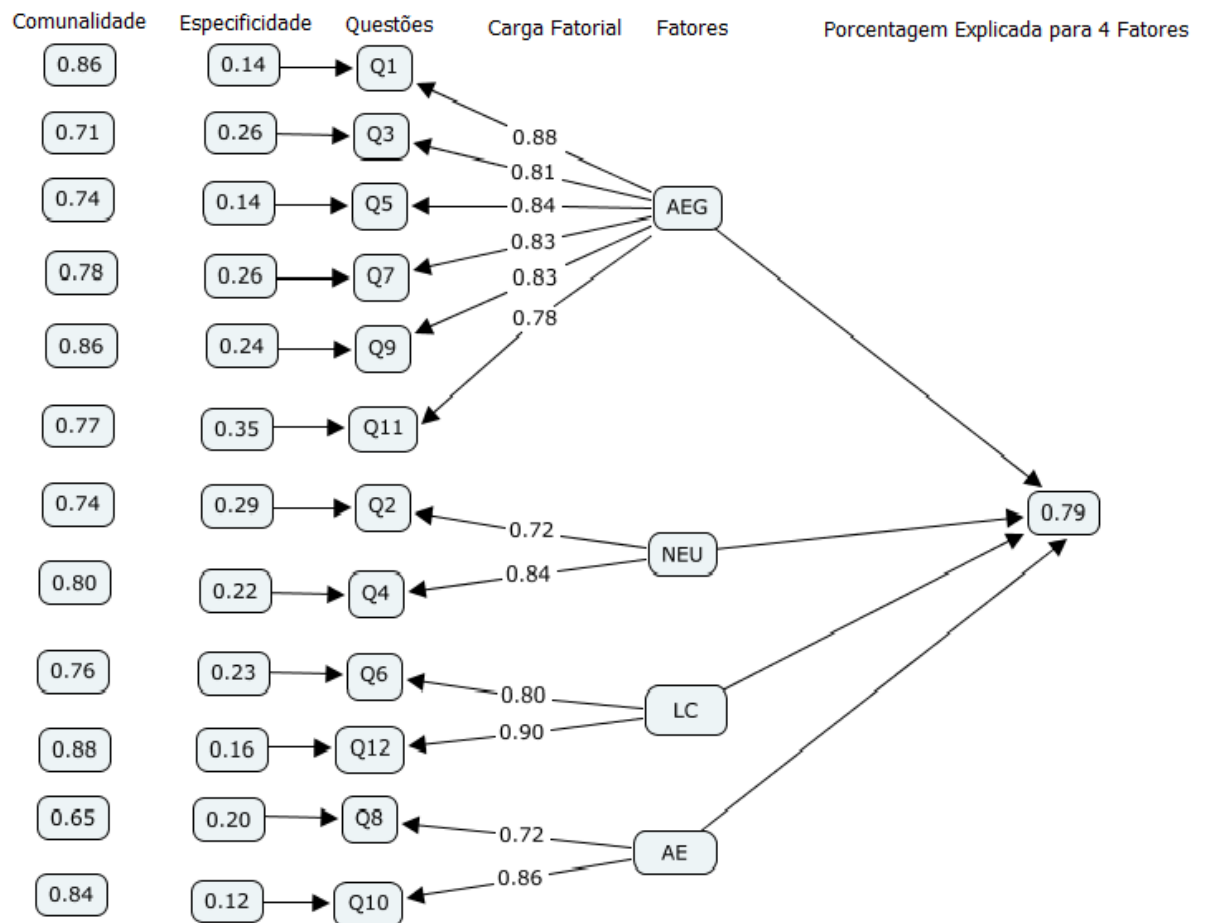


FIGURA 6. CARGAS FATORIAIS E PORCENTAGEM DA VARIÂNCIA EXPLICADA PARA QUATRO FATORES

A porcentagem da variância explicada para quatro fatores foi de 0.79. Nos quatro fatores, as variáveis têm cargas com o mesmo sinal, indicando correlação positiva entre elas. A porcentagem explicada pelos quatro fatores é maior que 0.70 para todas as questões.

O agrupamento das questões sugerido pela Análise Fatorial Exploratória é apresentado no Quadro 4.

QUADRO 4. ALOCAÇÃO DOS ITENS DE ACORDO COM ANÁLISE FATORIAL EXPLORATÓRIA

Fatores	Indicadores
Autoeficácia Generalizada	1. Estou confiante que conseguirei o sucesso que mereço quando eu saço.
	3. Quando eu tento sacar, geralmente eu me saio bem.
	5. Eu executo meu saque com sucesso.
	7. No geral, eu estou satisfeito com o meu saque.
	9. Eu determino o que vai acontecer com o meu saque.
	11. Eu sou capaz de lidar com a maioria dos problemas do saque.
Neuroticismo	2. Às vezes me sinto deprimido quando penso no meu saque.
	4. Às vezes, quando eu erro o saque, eu me sinto inútil.
Locus de Controle	6. Às vezes, eu não me sinto no controle do meu saque.
	12. Há momentos em que meu saque parece muito ruim e inadequado.
Autoestima	8. Eu estou cheio de dúvidas sobre a minha competência ao sacar.
	10. Eu não me sinto no controle do sucesso do meu saque.

A alocação dos itens nos respectivos fatores foi submetida a um grupo de cinco especialistas na Área de Psicologia Esportiva, a fim de verificar a adequação às dimensões teóricas e possível necessidade de ajustes. Para tal, foi solicitado que os especialistas atribuíssem uma pontuação de 1 a 5 (1= Discordo Plenamente, 2= Discordo, 3= Neutro, 4= Concordo e 5= Concordo Plenamente), analisando a pertinência da alocação dos itens nas dimensões sugeridas. Para os itens que recebessem pontuação menor que 3 foram solicitadas sugestões para alterações (CASSEPP-BORGES *et al.*, 2010). A avaliação dos especialistas sugeriu nova alocação dos itens nas dimensões, que é apresentada no Quadro 5.

QUADRO5. ALOCAÇÃO DOS ITENS DE ACORDO COM OS ESPECIALISTAS

Fatores	Indicadores
Autoeficácia Generalizada	1. Estou confiante que conseguirei o sucesso que mereço quando eu saca.
	3. Quando eu tento sacar, geralmente eu me saio bem.
	5. Eu executo meu saque com sucesso.
	11. Eu sou capaz de lidar com a maioria dos problemas do saque.
Neuroticismo	2. Às vezes me sinto deprimido quando penso no meu saque.
	8. Eu estou cheio de dúvidas sobre a minha competência ao sacar.
	12. Há momentos em que meu saque parece muito ruim e inadequado.
Lócus de Controle	6. Às vezes, eu não me sinto no controle do meu saque.
	9. Eu determino o que vai acontecer com o meu saque.
	10. Eu não me sinto no controle do sucesso do meu saque.
Autoestima	4. Às vezes, quando eu erro o saque, eu me sinto inútil.
	7. No geral, eu estou satisfeito com o meu saque.

Após a realocação dos itens nos fatores, procedeu-se a Análise Fatorial Confirmatória, a fim de confirmar a nova estrutura proposta (Tabela 5).

TABELA 5 ANÁLISE FATORIAL CONFIRMATÓRIA COM BASE NA ALOCAÇÃO DOS ESPECIALISTAS

Modelo	Qui(df)	P-valor	GFI	AGFI	SRMR	RMSEA	CFI	NFI	NNFI (TLI)
4 Fatores	124,66(48)	<0,001.	0,80464	0,68254	0,11889	0,12966	0,83425	0,76413	0,7721

A partir da matriz de covariância, estimada pelo método de máxima verossimilhança para quatro indicadores, os principais resultados da análise são apresentados. A relação entre o qui-quadrado e os graus de liberdade (X^2/gl), o valor encontrado $p < 0,001$ foi significativo. O indicado para um modelo adequado é $p > 0,05$.

Para os índices de ajustamento, *Comparative Fit Index* (CFI), que mensura a melhora relativa no ajuste do modelo do pesquisador em relação a um modelo padrão. O modelo proposto pelos especialistas apresentou valor de 0.83, próximo ao recomendado (≥ 0.90).

O *Standardized Root Mean Square Residual* (SRMR) pode ser considerado a média das correlações não explicadas no modelo. A presente análise apresentou valor de 0.11, sendo o recomendado ≤ 0.6 .

A *Root Mean Square Error of Approximation* (RMSEA), estima quão bem os parâmetros modelo reproduzem a covariância populacional. O modelo proposto apresentou valor de 0.12, sendo o recomendado ≤ 0.6 .

4.4 VALIDADE DE CRITÉRIO

4.4.1 Validade Concorrente

Para avaliação da validade concorrente foi utilizada a Escala de Autoeficácia Geral Percebida (EAEGP) de Schwarzer e Jerusalem (1995), adaptada transculturalmente para população brasileira por Teixeira e Dias (2005).

Os valores da soma dos escores obtidos pela EASV foram correlacionados com a soma dos escores obtidos pela EAEGP. Os resultados da correlação de *Pearson* são apresentados na Figura 7.

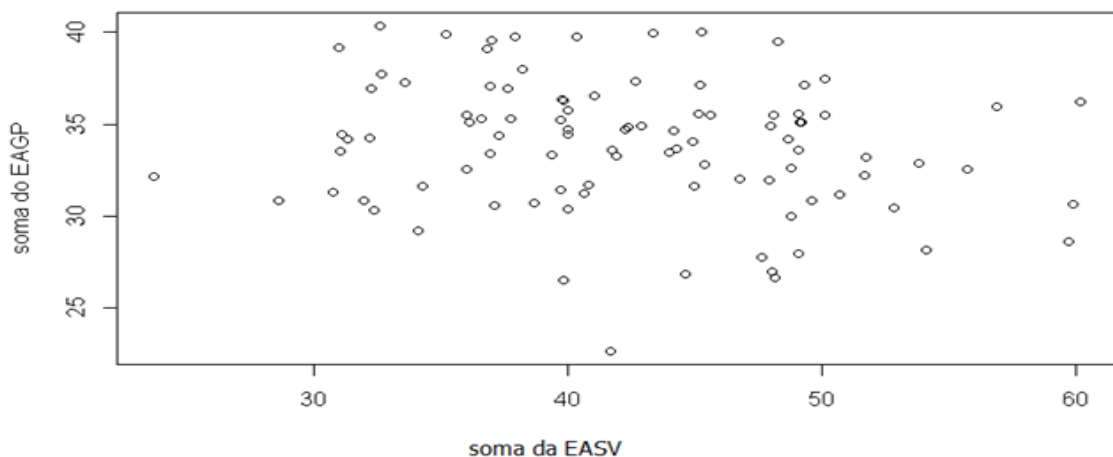


FIGURA 7. CORRELAÇÃO DE *PEARSON* ENTRE A SOMA DOS ESCORES DA EASV E DA EAEGP

Na Figura 7 observa-se uma dispersão nas pontuações das somas em relação às duas escalas (EASV e EAEGP), o que denota uma correlação negativa fraca ($r = -0.19$) $p = 0.14$, indicando que quanto maior a autoavaliação específica no saque, menor é a autoeficácia geral.

4.5 SENSIBILIDADE

Com o intuito de verificar a sensibilidade da EASV em discriminar atletas de diferentes grupos etários, foram comparados os escores obtidos com atletas infantis, infantojuvenis e adultos. Para tal, procedeu-se a análise das pontuações brutas obtidas nas diferentes categorias avaliadas, por meio de média, desviopadrão (valor mínimo e máximo) e amplitude das pontuações brutas (escore total).

TABELA 6. MÉDIA, DESVIO PADRÃO (DP), VALOR MÍNIMO-MÁXIMO E AMPLITUDE DAS PONTUAÇÕES ENTRE AS CATEGORIAS AVALIADAS DA EASV.

		Feminino	Masculino	N ♂♀	Média Idade ♂♀
	Média (DP)	38.5(8.16)	41 (6.49)		
Infantil	Min –Max*	17 - 56	22 - 56	42 42	14,59 DP(1,12) 14,30 DP (1,02)
	Amplitude	39	34		
	Média (DP)	41.5 (6.53)	43.5 (5.62)		
Infanto juvenil	Min –Max*	32 - 55	38 - 54	42 42	17,00 DP (0,5) 16,40 DP (1,0)
	Amplitude	23	16		
	Média (DP)	41.4 (8.48)	44.1 (7.35)		
Adulto	Min –Max*	24 - 60	27-60	44 44	27,40DP(2,50) 26,5 DP(2,40)
	Amplitude	36	33		

*Pontuação mínima = 12 e máxima = 60 para as categorias Infantil, Infantojuvenil e Adulto.

Os valores médios obtidos na EASV aumentaram na medida em que houve mudança de categoria etária (infantil, infantojuvenil e adulto) para os atletas masculinos, o que evidencia a sensibilidade da EASV ao desenvolvimento destes atletas. No entanto, para as atletas do sexo feminino não se observou a mesma tendência, pois as categorias infantojuvenil e adulta obtiveram valores médios similares, o que não permite confirmar a sensibilidade do instrumento para estas atletas. Observa-se que ambos os grupos infantojuvenis foram os que obtiveram menor desviopadrão e amplitude de variação dos escores, o que demonstra maior homogeneidade entre eles.

5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A discussão obedecerá à ordem seguida na apresentação dos resultados, visando responder aos objetivos propostos no presente estudo.

5.1 VALIDADE DE CONTEÚDO

A clareza de linguagem avaliada por atletas bilíngues entre as duas versões do instrumento (inglês e português) demonstrou correlação excelente em sete itens e correlação boa em cinco itens. Esses achados demonstram que a tradução e adaptação dos itens que compõem a EASV para o idioma português corrente no Brasil foram adequadas, possibilitando a continuidade da validação do instrumento.

Os resultados encontrados para a validação de conteúdo da EASV, pelo grupo de especialistas, demonstraram que os 12 itens que compuseram o instrumento obtiveram média geral de validade de 0.91, considerada excelente. A clareza de linguagem do instrumento obteve CVCtotal de 0.88, sendo este o valor menor dos que os encontrados para pertinência prática 0.92 e relevância teórica 0.94.

Em síntese, pode-se dizer que a avaliação dos especialistas em relação à validade de conteúdo do instrumento demonstrou, de maneira geral, índices aceitáveis (acima de 0.88) tal como recomendado por Hernandez-Nieto (2002) que considera índices acima de 0.80.

5.2 FIDEDIGNIDADE DA EASV

5.2.1 Estabilidade do Instrumento

No quesito fidedignidade, o presente estudo apresentou ICC=0.89, considerado correlação forte (MITRA; LANFORKD, 1999). O instrumento original (CSES) validado para trabalhadores por Judge *et al.* (2003), com base no qual foi feita a adaptação da *Volleyball Serving Self-Evaluation Scale*, obteve correlação moderada para ICC (0.43) (MITRA; LANFORKD, 1999). Portanto, a EASV demonstrou valor de estabilidade superior ao instrumento validado para trabalhadores. Vale destacar que os resultados para amostra de trabalhadores,

divergentes aos encontrados presente estudo, podem ter ocorrido pelo fato de os autores (JUDGE *et al.*, 2003) terem utilizado 4 amostras de trabalhadores de diferentes áreas, compreendendo, desde perfis e cargos com patamar mais elevado de conhecimento e funções de muita responsabilidade dentro de uma empresa, a colaboradores com cargos que não tenham o mesmo grau de exigência. No presente estudo, a EASV foi aplicada a apenas um grupo específico de participantes (no caso, atletas de uma única modalidade esportiva, que competiam em nível estadual e alguns em nível nacional).

Quando comparadas as respostas entre atletas adultos homens e mulheres, encontrou-se diferença significativa nos itens 5 e 9, sendo que, em ambos, a pontuação média foi maior para os homens. O item 5 “Eu executo meu saque com sucesso” e o item 9 “Eu determino o que vai acontecer com o meu saque”, representam itens pertencentes ao fator autoeficácia generalizada, o que pode reforçar a ideia de que os homens são mais orgulhosos e tendem a responder instrumentos de autoeficácia julgando-se mais autoeficazes do que realmente executam na prática e as mulheres tendem a responder aos instrumentos de autoeficácia desvalorizando sua performance, embora estes achados ainda não estejam claros na literatura (FELTZ *et al.*, 2008).

Em relação às formas de aplicação da EASV, presencial, pela própria pesquisadora nos locais de treinamento e não presencial, via e-mail, percebeu-se que houve diferenças nos resultados para as questões 2, 5 e 11. Para as questões 2 e 5 as médias foram maiores para a aplicação presencial. Ao contrário, para a questão 11, a média foi maior para aplicação *on line*. Esses resultados demonstram que vieses na pesquisa podem ocorrer pela falta de padronização no momento das coletas. O fato dos atletas terem apenas lido e interpretado as instruções de preenchimento da EASV pode ter sido diferente em relação aos atletas que receberam as orientações além de escritas, verbais, para o adequado preenchimento do instrumento.

5.2.2 Consistência Interna

No que diz respeito à consistência interna da EASV, o valor do *Alpha de Cronbach* geral apresentou valor 0.87, o que demonstrou que os 12 itens da escala estão altamente correlacionados.

Quando comparadas as respostas da EASV entre homens e mulheres, o valor do *Alpha de Cronbach* foi 0.85 para ambos os grupos.

No instrumento validado para trabalhadores por Judge *et al.*, (2003), o *Alpha de Cronbach* geral foi $\alpha=0.84$, obtendo resultados similares aos do presente estudo. No estudo com atletas de voleibol de uma equipe feminina (SHOENFELT; GRIFFITH, 2008), que utilizou o instrumento adaptado do estudo de Judge *et al.*, (2003) o valor encontrado foi $\alpha= 0.70$. Uma das possíveis causas para o valor mais elevado do *Alpha de Cronbach* encontrado no presente estudo pode ser devido ao número de participantes (98 atletas). No estudo de Shoenfelt; Griffith (2008) o número baixo de participantes (11 atletas) pode ter afetado este resultado. Já no estudo de Judge *et al.*, (2003), o número de participantes para as quatro amostras variou entre 126 a 265 trabalhadores, o que pode também ter ocasionado o elevado valor do *Alpha de Cronbach*, resultado aproximado ao encontrado na presente investigação. A classificação recomendada para instrumentos de análise subjetiva sugerem valores acima $\alpha= 0.70$ como precisos e confiáveis para consistência interna (NETEMEYER *et al.*, 2003).

5.3 VALIDADE DE CONSTRUTO

Quanto à validade de construto, foram realizadas Análises Fatoriais Exploratórias (AFE) para 1, 2, 3 e 4 fatores, com intuito de encontrar o melhor agrupamento de itens. A AFE indicou 2, 3 ou 4 fatores como sendo mais adequados para o instrumento, o que demonstra a sua multidimensionalidade.

Ainda que o instrumento para voleibolistas não tenha sido validado e apenas uma adaptação em relação ao estudo original de validação para trabalhadores tenha sido utilizada, no estudo de Shoenfelt; Griffith (2008) a ideia seria que a escala exibisse unidimensionalidade (embora apresentasse quatro fatores) e mensurasse a autoeficácia específica dos atletas no fundamento saque.

Assim, no intuito de atender ao proposto pela teoria *Core Self-Evaluation*, que subsidiou a elaboração do instrumento original, optou-se por um modelo de 4 fatores. O fato de a AFE ter apontado 2, 3 e 4 fatores reforça a crítica de Bandura (2012) acerca da falta de clareza do Instrumento, especialmente em relação à junção dos fatores que compõem o *Core Self-Evaluation* e como “*Os Cinco Grandes Fatores*” afetam a autoeficácia e o desempenho tanto direta como indiretamente. Bandura (2012) destaca que Judge *et al.* (2003) pouco justificam conceitualmente como cada um dos traços presentes no instrumento afeta a autoavaliação e o desempenho e salienta a ausência de dados, principalmente para matriz de correlação, pois os autores não se basearam em estudos que mediram todas as variáveis conjuntamente em seu modelo conceitual, mas remendaram uma matriz de correlação para a análise, selecionando pedaços de diferentes fontes, sem estimar os coeficientes reais do próprio estudo.

Uma forma de tentar suprir essa fragilidade conceitual, no presente estudo foi feita a análise de 4 fatores, uma vez que a Análise Fatorial Exploratória apresentou a porcentagem da variância de 0.79. Além disso, a porcentagem explicada para 4 fatores foi maior que 0.70, para todas as questões. Vale destacar que os estudos que utilizaram os instrumentos original (Judge *et al.*, 2003) e adaptado (Shoenfelt; Griffith, 2008), não apresentaram os valores da variância explicada para 4 fatores, considerando o instrumento como unidimensional.

O modelo de 4 fatores proposto pela Análise Fatorial Exploratória no presente estudo, quando submetido a um grupo de cinco especialistas, apresentou nova alocação dos itens nos 4 fatores. Quando a nova versão foi submetida à Análise Fatorial Confirmatória, o índice encontrado para o qui-quadrado e os graus de liberdade demonstrou significância, embora o indicado para um modelo adequado não deva ser significativo ($p > 0,05$). Destaca-se, contudo, que este índice é raramente utilizado como um índice de ajuste isolado, pois devido ao tamanho da amostra este valor pode oscilar, devendo ser utilizado conjuntamente com os demais índices. Se o tamanho da amostra for muito grande, a H_0 sempre será rejeitada. Se o tamanho da amostra for pequeno, ou os dados não apresentarem distribuição normal, a distribuição subjacente não segue o X^2 , comprometendo a H_0 (LEÓN, 2011).

Para os índices de ajustamento, *Comparative Fit Index* (CFI), o valor encontrado pela Análise Fatorial Confirmatória foi de 0.83, próximo do valor recomendado pela literatura (≥ 0.90) (BROW, 2006).

O *Standardized Root Mean Square Residual* (SRMR) apresentou valor de 0.11, sendo que, de acordo com a literatura, valores próximos de 0.08 são adequados ao modelo proposto (HU; BENTLER, 1999).

A *Root Mean Square Error of Approximation* (RMSEA) apresentou valor de 0.12, sendo que valores próximos ou abaixo de 0.06 é que indicam um ajuste razoável do modelo (BROW, 2006).

Apesar dessas divergências, os valores apontados pela Análise Fatorial Confirmatória no presente estudo podem ser considerados próximos ao proposto pela literatura (BROW, 2006; HAIR *et al.*, 2006). No entanto, novos estudos devem ser conduzidos para confirmar esses dados. Além disso, é importante enfatizar que novas relações entre os itens surgem não apenas da teoria em questão, mas do bom senso do pesquisador, sendo importante testar novos modelos.

Uma possível justificativa para resultados relevantes não terem sido descobertos, pode dever-se à alocação de itens positivos e itens negativos, agrupados no mesmo fator, o que influencia no sentido da correlação (a correlação deve ser no mesmo sentido para estar no mesmo fator e obter valores desejáveis). Como o instrumento foi projetado para que os itens ímpares fossem positivos e os itens pares fossem negativos, não se sabe se o item negativo corresponde ao item anterior ou se estes itens negativos estão aleatórios no instrumento, independente do fator ao qual pertence. Deve-se, portanto, submeter à escala a novas investigações, a fim de se obter resultados mais conclusivos.

5.4 VALIDADE DE CRITÉRIO

5.4.1 Validade Concorrente

No que diz respeito à validade concorrente, avaliada pela correlação entre a EASV e a EAEGP (Escala de Autoeficácia Geral Percebida), constatou-se que a EAEGP mostrou valores de correlação com a EASV de $r = -0.19$ ($p < 0.14$), considerada fraca e negativa. Optou-se por utilizar a EAEGP, uma vez que esta

avalia o construto autoeficácia no contexto geral da vida, sendo considerada uma medida unidimensional, tal como proposto na elaboração da

Isso pode ter sido um fator limitante para a presente análise, já que o processo de adaptação transcultural da EASV para a população brasileira investigada no presente estudo demonstrou multidimensionalidade (4 fatores). Além disso, a EAEGP não foi elaborada, tampouco adaptada para o contexto esportivo brasileiro. É também importante referir que a autoeficácia é específica para cada situação. Assim, o fato de o indivíduo considerar-se autoeficaz no contexto geral da vida não significa que ele também o será em contexto específico (BANDURA, 2006).

Outro fato que se deve levar em consideração é que a EASV avalia um único fundamento, de uma modalidade esportiva específica. Além disso, o saque é um fundamento que se distingue dos outros por ser uma habilidade motora fechada, em que a execução do fundamento está sob o comando do atleta, diferente de todos os outros fundamentos da modalidade voleibol, considerados como habilidades motoras abertas.

Vale, no entanto, ressaltar que a ocorrência de baixas correlações nem sempre reflete falta de validade do preditor, mas indica a possibilidade de que o critério seja questionável ou não tenha sido uma boa escolha (RAYMUNDO, 2009).

5.5 SENSIBILIDADE DA EASV

Em relação à sensibilidade do instrumento, a EASV demonstrou ser mais sensível às diferentes categorias etárias dos atletas do sexo masculino. Quanto ao gênero feminino, às atletas da categoria infantojuvenil e adulto não demonstraram maior autoavaliação no saque com o avanço da idade. Observa-se também que os desvios-padrão (superiores a 6.53) não comprovam a variabilidade dos resultados obtidos nas atletas.

Destaca-se que apenas os atletas adultos, de ambos os sexos, obtiveram pontuação máxima na escala. Isso é um fator que pode demonstrar que atletas adultos, devido a sua experiência e maior volume de treinamento ao longo dos anos, se autoavaliem melhor, especificamente, no fundamento saque.

6 CONCLUSÃO E RECOMENDAÇÕES

Os resultados do processo de tradução da *Volleyball Serving Self-Evaluation Scale* para atletas brasileiros, Escala de Autoavaliação no Saque do Voleibol – EASV demonstraram indicadores de validade de conteúdo adequados no que diz respeito à clareza de linguagem, pertinência prática e relevância teórica. A aplicação da escala para atletas bilíngues verificou excelente correlação entre as versões em inglês e português.

A fidedignidade do instrumento apontou valores excelentes para estabilidade (teste-reteste) tanto para atletas homens, como para atletas mulheres. A consistência interna dos itens apresentou valores excelentes, demonstrando que o conjunto apresentou consistência.

De maneira geral, a sensibilidade da escala foi demonstrada na maioria das categorias avaliadas, embora, para a categoria infantojuvenil e adulta femininas novas pesquisas, com número maior de participantes, devem ser conduzidas para confirmar esses achados.

Em relação à validade de critério – validade concorrente– a Escala de Autoeficácia Geral Percebida (EAEGP) não demonstrou ser uma boa medida para analisar a validade concorrente. Sugere-se a aplicação da validade preditiva para futuros estudos, a fim de relacionar a EASV com o escalte no saque dos atletas em jogos e competições.

A validade de construto da EASV, por sua vez, obteve discrepâncias em relação ao instrumento original para trabalhadores e sua adaptação para atletas de voleibol. Embora os resultados tenham se aproximado aos valores recomendados pela literatura, ainda se fazem necessários outros estudos para que o modelo proposto pelos especialistas possa ser confirmado e a escala obtenha índices aceitáveis para validação.

REFERÊNCIAS

ACQUADRO, C. Linguistic Validation Manual for Patient-Reported Outcomes (PRO) Instruments. ,2004. Lyon (França): MAPI Research Trust.

ALVES, I. C. B. **Considerações sobre a validade e precisão nas técnicas projetivas.** São Paulo: Vetor, 2006.

BALAGUER, ISABEL; AMPARO, E.; VILLAMARÍN, F. Autoeficacia en el Deporte y en la actividad física: estado actual de la investigación. **Revista de Psicología Geral y Aplicada**, v. 48, n. 1, p. 139–159, 1995.

BANDURA, A. “Perceived self-efficacy in cognitive development and functioning.” **Educational Psychologist**, v. 28, p. 117–148, 1993.

BANDURA, A. Self-efficacy. **Self-efficacy.** In **V.S. Ramachaudran (Ed.) Encyclopedia of human behaviour.** 4th ed., p.71–81, 1994. New York: Academic Press.

BANDURA, A. GUIDE FOR CONSTRUCTING SELF-EFFICACY SCALES. In **F. Pajares&. T. Urdan (Eds.) Self-efficacy beliefs of adolescents.** 5th ed., p.307–337, 2006.

BANDURA, A. Social cognitive theory. In **R. Vasta (Ed.), Annals of child development**, 1989. Greenwich, CT: JAI Press.

BANDURA, ALBERT. **Social foundations of thought and action: A social cognitive theory.** Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 1986.

BANDURA, ALBERT. Perceived self-efficacy in the exercise of personal agency. **Journal of Applied Sport Psychology**, v. 2, p. 128–163, 1990.

BANDURA, ALBERT. **Self-efficacy in changing societies.** New York:Cambridge University Press, 1995.

BANDURA, ALBERT. **Self-efficacy: The exercise of control.** New York: Freeman: W.H, 1997.

BANDURA, A. On the Functional Properties of Perceived Self-Efficacy Revisited. **Journal of Management**, v. 38, n. 1, p. 9–44, 2012.

BARKER, J. .; JONES, M. V. The effects of hypnosis on self-efficacy, affect, and soccer performance: a case study. **Journal of Clinical Sport Psychology**, v. 2, p. 127–147, 2008.

BARKER, J. B.; JONES, M. V. Using Hypnosis , Technique Refi nement , and Self-Modeling to Enhance Self-Effi cacy: A Case Study in Cricket. **The Sport Psychologist**, v. 20, n. 94, p. 94–110, 2006.

BARROSO, M. L. C. **VALIDAÇÃO DO PARTICIPATION MOTIVATION QUESTIONNAIRE ADAPTADO PARA DETERMINAR MOTIVOS DE PRÁTICA ESPORTIVA DE ADULTOS JOVENS BRASILEIROS**, 2007. Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

BEATON, D.; BOMBARDIER, C.; GUILLEMIN, F.; FERRAZ, M. B. Recommendations for the Cross-Cultural Adaptation of Health Status Measures. **American Academy of Orthopaedic Surgeons and Institute for Work & Health**, 2002.

BEAUCHAMP, M. R.; BRAY, S. R.; ALBINSON, J. G. Pre-competition imagery, self-efficacy and performance in collegiate golfers. **Journal of Sports Sciences**, v. 20, p. 697–705, 2002.

BEAUCHAMP, M. R.; WHINTON, L. C. Brief report. **Journal of Sport & Exercise Psychology**, v. 27, n. April 2004, p. 245–252, 2005.

BENCK, R. T. **Retreinamento das atribuições de sucesso e fracasso no Esporte. Uma proposta de intervenção pedagógica.**, 2006. Universidade de Brasília.

BISTAFFA, B. C. **Incorporação de indicadores categóricos ordinais em modelos de equações estruturais**, 2010. Universidade de São Paulo. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/45/45133/tde-09022011-110229/>>. .

BRAY, S. R.; BALAGUER, ISABEL; DUDA, J. L. The relationship of task self-efficacy and role efficacy beliefs to role performance in Spanish youth soccer. **Journal of Sports Sciences**, v. 22, n. 5, p. 429–437, 2004. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/02640410410001675333>>. Acesso em: 30/12/2012.

BRONW, T. A. **Confirmatory Factor Analysis for Applied Research**, 1 st Edition, New York: The Guildford Press, 2006.

BZUNECK, J. . As crenças de autoeficácia e o seu papel na motivação do aluno. In: E. in: BORUCHOVTICH; J. A. (ORGS) A. motivação do aluno: contribuições da P. C. BZUNECK (Eds.); p.116–133, 2009. Petrópolis: Vozes.

CASSEPP-BORGES, V.; BALBINOTTI, M. M. .; TEODORO, M. L. . Tradução e validação de conteúdo: Uma proposta para a adaptação de instrumentos. In **L. Pasquali (Org.), Instrumentação psicológica: Fundamentos e prática**. p.506–520, 2010. Porto Alegre: Artmed.

CBV. Confederação Brasileira de Voleibol. Disponível em: <www.cbv.com.br>. .

CHANG, C.-H.; FERRIS, D. L.; JOHNSON, R. E.; ROSEN, C. C.; TAN, J. A. Core Self-Evaluations: A Review and Evaluation of the Literature. **Journal of Management**, v. 38, n. 1, p. 81–128, 2012.

COLLET, C. **CONSTRUÇÃO E VALIDAÇÃO DO INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO DO DESEMPENHO TÉCNICO-TÁTICO (IAD-VB) NAS CATEGORIAS DE FORMAÇÃO NO VOLEIBOL**, 2010. Universidade Federal de Santa Catarina.

CONDON, M.; HOLLEQUE, M. Social foundations of political action: the effect of general self-efficacy on political participation. ,2007. Disponível em: <<https://mywebspace.wisc.edu/holleque/web/condon_olleque_efficacy_2007_vfinal.pdf>. >. .

CRUZ, J.; VIANNA, M. O treino das competências psicológicas e a preparação mental para a competição. In **CRUZ e outros, Manual de Psicologia do Desporto**. Braga ed., p.533–563, 1996. Sistemas Humanos e Organizacionais, Lda.

DESCHAMPS, S. R.; ROSE, J. D. DE. Os aspectos psicológicos da personalidade e da motivação no voleibol masculino de alto rendimento. **EFDeportes.com, Revista Digital**, v. 10, n. 92, 2006.

FACHEL, J. M. G.; CAMEY, S. **Avaliação psicométrica: a qualidade das medidas e o entendimento dos dados**. Artes Médi ed. Porto Alegre: In: CUNHA, J. A. et al.. Psicodiagnóstico, 2000.

FELTZ, D. L.; SHORT, S. E.; SULLIVAN, P. J. **Self-Efficacy in Sport: Reserch and strategies for working with athletes, teams, and coaches**. Human Kinetics, 2008.

GARGANTA, J. Para uma teoria dos jogos desportivos coletivos. In: J. (Eds). O ensino dos jogos coletivos. In: GRAÇA, A; OLIVEIRA (Ed.); 2nd ed., 1998. Lisboa: Universidade do Porto.

GRECO, P. J. **O ensino do comportamento tático nos jogos esportivos coletivos: Aplicação no handebol.**, 1995. Tese (Doutorado) - FE/UNICAMP - Campinas.

HAIR, J.; BLACK, W. C.; BABIN, B. J.; ANDERSON, R. E.; TATHAM, R. L. **Multivariate Data Analysis**. 6th ed. Upper Saddle River, NJ, 2006.

HARRIS, D. V. Tecnicas de relajacion y energetizacion para la regulacion del arousal. In: **WILLIANS, J M. Psicologia aplicada al deporte**. p.277 –306, 1991. Madrid: Biblioteca Nueva.

HARTER, S. Causes, correlates, and the functional role of global self-worth: A life span perspective. In: C. (Eds.), In RJ Sternberg & J Kolligan Jr Considered (Ed.); p.67–97, 1990. New Haven: Yale University Press.

HATZIGEORGIADIS, A.; ZOURBANOS, N.; GOLTSIOS, C. Investigating the Functions of Self-Talk: The Effects of Motivational Self-Talk on Self-Efficacy and Performance in Young Tennis Players. **The Sport Psychologist**, v. 22, p. 458–471, 2008.

HAYSLIP JR, B.; RAAB, C.; BACZEWSKI, P. C.; PETRIE. The Development and Validation of the Golf Self-Efficacy Scale. **Journal of Sport Behavior**, v. 33, n. 4, p. 427–441, 2010.

HERNANDEZ-NIETO, R. **Contributions to Statistical Analysis**. Mérida: Los Andes University Press, 2002.

HILL, M. M.; HILL, A. **A investigação por questionário**. Silabo ed. Lisboa, 2000.

HU, L; BENTLER, P. M. Cutoff criterion for fit indexes in covariance structure analysis: conventional criteria versus new alternatives. **Structural Equation Modeling**, v 6, p. 1-55, 1999.

JUDGE, T. A.; LOCKE, E. A.; DURHAM, C. C.; KLUGER, A. N. Dispositional effects on job and life satisfaction: The role of core evaluations. **Journal of Applied Psychology**, v. 83, p. 17–34, 1998.

JUDGE, T.A.; BONO, J.E. Relationship of core self-evaluations traits—self-esteem, generalized self-efficacy, locus of control, and emotional stability—with job satisfaction and job performance: A meta-analysis. **Journal of Applied Psychology**, v. 86, p. 80–92, 2001.

JUDGE, T.A.; BONO, J.E.; LOCKE, E. A. Personality and job satisfaction: The mediating role of job characteristics. **Journal of Applied Psychology**, v. 85, p. 237–249, 2000.

JUDGE, TIMOTHY A.; EREZ, A.; BONO, JOYCE E.; THORESEN, C. J. The Core Self-Evaluations Scale: Development of a Measure. **Personnel Psychology**, v. 56, n. 2, p. 303–331, 2003.

KACMAR, K. M.; COLLINS, B. J.; HARRIS, K. J.; JUDGE, T. A. Core self-evaluations and job performance: the role of the perceived work environment. **The Journal of applied psychology**, v. 94, n. 6, p. 1572–80, 2009.

KEOGH, R. **Self-Efficacy: Underlying Mechanism of Behaviour Change and Determinant of Coping Behaviour.**, 1984. University of Toronto. Ontario, Canada.

KITSANTAS, A.; ZIMMERMAN, B. . . Comparing Self-Regulatory Processes Among Novice Non-Expert and Expert Volleyball Players A Microanalytic Study. **Journal of Applied Sport Psychology**, v. 14, p. 91–105, 2002.

KOLCK, O. L. VAN. **Técnicas de Exame Psicológico e suas Aplicações no Brasil**. 3rd ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1981.

LANDIS, J.; KOCH, G. **The measurement of observer agreement for categorical data**. 33 (1) ed. Biometrics, 1977.

LEÓN, A. D. D. **Análise Fatorial Confirmatória através dos Softwares R e Mplus**. **Análise Fatorial Confirmatória através dos Softwares R e Mplus**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Monografia, Departamento de Estatística, 2011.

LLEWELLYN, D. J.; SANCHEZ, X.; ASGHAR, A.; JONES, G. Self-efficacy, risk taking and performance in rock climbing. **Personality and Individual Differences**, v. 45, n. 1, p. 75–81, 2008. Disponível em: <<http://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S0191886908000901>>. Acesso em: 7/11/2012.

LOCKE, E.; MCCLEAR, K.; KNIGHT, D. Self-esteem and work. **International Review of Industrial/Organizational Psychology**, v. 11, p. 1–32, 1996.

LOZANO, C. **Incidencia del saque y los elementos de la fase del juego del K1 sobre el rendimiento de las misma en voleibol femenino español del alto nivel**, 2007. Universidad de Granada.

MACHADO, A. A. **VOLEIBOL- da escola ao treinamento**. 11th ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

MARCOS, F. M. L.; CALVO, T. G.; PAREJO, I. et al. INTERACCIÓN DE LA COHESIÓN EN LA EFICACIA PERCIBIDA , LAS EXPECTATIVAS DE ÉXITO Y EL RENDIMIENTO EN EQUIPOS DE BALONCESTO. **Revista de Psicología del Deporte**, v. 19, n. 1, p. 1–14, 2010.

MAROCO, J. Integração do R nos menus do PASW Statistics: Um exemplo de aplicação com o packpage “polycor” do R. , 2010. Unidade de Investigação em Psicologia e Saude; Departamento de Estatística. ISPA - Instituto Universitário.

MARSAGLIA, G.; TSANG, W. W.; WANG, J. Evaluating Kolmogorov’s Distribution. **Journal of Statistical Software**, v. 8, n. 18, 2003.

MARTIN, J. J. Training and Performance Self-Efficacy , Affect , and Performance in Wheelchair Road Racers. **The Sport Psychologist**, v. 16, p. 384–395, 2002.

MARTINS, G. A. Sobre Confiabilidade e Validade. **RBGN**, v. 8, n. 20, p. 1–12, 2006.

MARTOCCHIO, J. J.; JUDGE, T. A. Relationship between conscientiousness and learning in employee training: Mediating influences of self-deception and self-efficacy. **Journal of Applied Psychology**, v. 82, p. 764–773, 1997.

MCCRAE, R. R.; COSTA, P. . Personality trait structure as a human universal. **American Psychologist**, v. 52, p. 509–516, 1997.

MING, Z. . Volleyball players psychological quality and how to train it. **International Volley Tech**, v. 3, n. 2, p. 4–10, 1991.

MINGOTI, S. **Análise de dados através de métodos de estatística multivariada: uma abordagem aplicada**. UFMG ed. Belo Horizonte, MG, 2005.

MITRA, A.; LANFORKD, S. **Research methods in park, recreation and leisure services**. Champaign: Sagamore Publishing, 1999.

MORENO, M. P. Estudio de la dirección del saque en la superliga masculina de voleibol. **Motricidad. European Journal of Human Movement**, v. 18, 2007.

MORETTIN, P. A.; BUSSAB, W. O. **Estatística Básica**. 6th ed. São Paulo: Saraiva, 2010.

MUELLER, R. **Basic principles of structural equation modeling: an introduction to LISREL and EQS**. New York: Springer Texts in Statistics, 1996.

NETEMEYER, R.; BEARDEN, W.; SHARMA, S. **Scaling procedures: issues and applications**. Thousand Oaks: Sage, 2003.

NOCE, F.; SAMULSKI, D. M. Análise do estresse psíquico em atacantes no voleibol de alto nível. **Revista Paulista Educação Física**, v. 16, n. 2, p. 113–129, 2002.

ORTEGA, E.; OLMEDILLAA, A.; BARANDA, P. S. DE; GÓMEZ, M. Á. RELATIONSHIP BETWEEN THE LEVEL OF SELF-EFFICACY , PERFORMANCE INDICATORS , AND PARTICIPATION IN YOUTH BASKETBALL. **Revista de Psicologia del Deporte**, v. 18, p. 337–342, 2009.

PAJARES, F.; OLAZ, F. **Teoria Social Cognitiva e autoeficácia: uma visão geral**. São Paulo: Artmed, 2008.

PALAO, J. M.; SANTOS, J. A.; URENÃ, A. Efecto del tipo y eficacia del saque sobre el bloqueo y el rendimiento del equipo en defensa. **RendimientoDeportivo.com**, v. 8, 2004.

PASQUALI, L. **Psicometria: teoria e aplicações**. Brasília, 1997.

PASQUALI, L. **Técnicas de exame psicológico**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

PASQUALI, L. **Instrumentação Psicológica: Fundamentos e Prática**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

PASQUALI, L. **Psicometria: teoria dos testes na psicologia e na educação**. 4th ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

R Development Core Team. R: A language and environment for statistical computing. R Foundation for Statistical Computing,. ., 2013. Vienna, Austria. Disponível em: <<http://www.r-project.org/>>. .

RAYMUNDO, V. P. Construção e validação de instrumentos : um desafio para a psicolinguística. **Letras de Hoje**, v. 44, n. 3, p. 86–93, 2009.

REVELLE, W. An overview of the psych package. ,2011. Disponível em: <<<http://cran.r-project.org/web/packages/psych/vignettes/overview.pdf>>. Acesso>. .

RIBEIRO, J. L. S. **Conhecendo o Voleibol**. Rio de Janeiro: Sprinter, 2004.

ROSE JR., DE; DESCHAMPS, R.; KORSAKAS, P. O jogo como fonte de stress no basquetebol infanto-juvenil. **Revista portuguesa de ciências do desporto**, v. 1, n. 2, p. 36–44, 2001.

ROSENBERG, M. **Society and the adolescent self-image**. Princeton, NJ: Princeton University Press., 1965.

ROTTER, J. Generalized expectancies for internal versus external control of reinforcement. **Psychological Monographs**, v. 80(1) Whol, 1966.

SARAIVA, L. B.; RODRIGUES, L. P.; BARREIROS, J. Adaptação e Validação da versão portuguesa Peabody Developmental Motor Scales-2: um estudo com crianças pré-escolares. **Revista da Educação Física/UEM**, v. 22, n. 4, p. 511–521, 2011. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/12149>>. Acesso em: 23/1/2013.

SCHWARZER, R.; JERUSALEM, M. Generalized Self-Efficacy scale. In **J. Weinman, S. Wright, & M. Johnston, Measures in health psychology: A user's portfolio. Causal and control beliefs**. p.35–37, 1995. Windsor, UK: NFER-NELSON.

SHOENFELT, E. L.; GRIFFITH, A. U. Evaluation of a mental skills program for serving for an Intercollegiate volleyball team. **Perceptual Motor Skills**, v. 107, p. 293–306, 2008.

SHOENFELTT, E. L.; USRY, A. N. Evaluation of a Mental Skills for Serving Intervention for an Intercollegiate Volleyball Team. Presented at the Annual Conference of the Association for the Advancement of Applied Sport Psychology. **Anais...** p.1–12, 2005.

SILVA, J. A. DA; RIBEIRO-FILHO, N. P. **Avaliação e mensuração da dor Pesquisa, teoria e prática**. 1st ed. Ribeirão Preto: FUNPEC Editora, 2006.

STEFANELLO, J. M. F. Fatores perturbadores de concentração : um estudo de caso com campeões olímpicos no vôlei de praia. **Revista Brasileira de Educação Física, Esporte**, v. 21, n. 2, p. 121–133, 2007.

TEIXEIRA, M. A. P.; DIAS, A. C. G. Propriedades psicométricas da versão traduzida para o português da Escala de Auto-eficácia Geral Percebida de Ralph Schwarzer. Em Instituto Brasileiro de Avaliação Psicológica (Org.), Resumos do II Congresso Brasileiro de Avaliação Psicológica (CD-ROM). **Anais...** , 2005. Gramado: IBAP.

VIANNA, H. M. Validade de construto em testes educacionais. **Educação e Seleção**, v. 8, p. 35–44, 1983. Disponível em: <<http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/es/artigos/72.pdf>>. .

WATSON, D. **Mood and temperament**. New York: Guilford Press, 2000.

WEEKS, A.; SWERISSEN, H.; BELFRAGE, J. Issues, challenges, and solutions in translating study instruments. **Evaluation Review**, v. 31, p. 153–165, 2007.

ZETOU, E.; TSIGILIS, N.; MOUSTAKIDIS, A. KOMNINAKIDOU, A. Playing characteristics of men's Olympic Volleyball teams in complex II. **International Journal of Performance Analysis in Sport**, v. 6, p. 172–177, 2006.

LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE 1 ESCALA DE AUTOAVALIAÇÃO NO SAQUE DO VOLEIBOL.....	69
APÊNDICE 2 ESCALA DE AUTOEFICÁCIA GERAL PERCEBIDA.....	70
APÊNDICE 3. AUTORIZAÇÃO DA CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE VOLEIBOL	71
APÊNDICE 4. AUTORIZAÇÃO DO CLUBE	72

APÊNDICE 1 ESCALA DE AUTOAVALIAÇÃO NO SAQUE DO VOLEIBOL

Escala de Autoavaliação do Saque do Voleibol

Nº da camisa

Instruções: Abaixo estão listadas várias afirmações sobre o seu saque do voleibol, com as quais você pode concordar ou discordar. Utilizando a escala de resposta abaixo, indique sua concordância ou discordância com cada item colocando o número apropriado na linha que antecede estes itens. Não há respostas “certas” ou “erradas”. Sua sinceridade é a resposta correta. Ninguém além do pesquisador vai ver suas respostas.

1. Estou confiante que conseguirei o sucesso que mereço quando eu saço.

Discordo plenamente 1	Discordo 2	Neutro 3	Concordo 4	Concordo plenamente 5
--------------------------	---------------	-------------	---------------	--------------------------

2. Às vezes me sinto deprimido quando penso no meu saque.

Discordo plenamente 1	Discordo 2	Neutro 3	Concordo 4	Concordo plenamente 5
--------------------------	---------------	-------------	---------------	--------------------------

3. Quando eu tento sacar, geralmente eu me saio bem.

Discordo plenamente 1	Discordo 2	Neutro 3	Concordo 4	Concordo plenamente 5
--------------------------	---------------	-------------	---------------	--------------------------

4. Às vezes, quando eu erro o saque, eu me sinto inútil.

Discordo plenamente 1	Discordo 2	Neutro 3	Concordo 4	Concordo plenamente 5
--------------------------	---------------	-------------	---------------	--------------------------

5. Eu executo meu saque com sucesso.

Discordo plenamente 1	Discordo 2	Neutro 3	Concordo 4	Concordo plenamente 5
--------------------------	---------------	-------------	---------------	--------------------------

6. Às vezes, eu não me sinto no controle do meu saque.

Discordo plenamente 1	Discordo 2	Neutro 3	Concordo 4	Concordo plenamente 5
--------------------------	---------------	-------------	---------------	--------------------------

7. No geral, eu estou satisfeito com o meu saque.

Discordo plenamente 1	Discordo 2	Neutro 3	Concordo 4	Concordo plenamente 5
--------------------------	---------------	-------------	---------------	--------------------------

8. Eu estou cheio de dúvidas sobre a minha confiança ao sacar.

Discordo plenamente 1	Discordo 2	Neutro 3	Concordo 4	Concordo plenamente 5
--------------------------	---------------	-------------	---------------	--------------------------

9. Eu determino o que vai acontecer com o meu saque.

Discordo plenamente 1	Discordo 2	Neutro 3	Concordo 4	Concordo plenamente 5
--------------------------	---------------	-------------	---------------	--------------------------

10. Eu não me sinto no controle do sucesso do meu saque.

Discordo plenamente 1	Discordo 2	Neutro 3	Concordo 4	Concordo plenamente 5
--------------------------	---------------	-------------	---------------	--------------------------

11. Eu sou capaz de lidar com a maioria dos problemas do saque.

Discordo plenamente 1	Discordo 2	Neutro 3	Concordo 4	Concordo plenamente 5
--------------------------	---------------	-------------	---------------	--------------------------

12. Há momentos em que meu saque parece muito ruim e inadequado.

Discordo plenamente 1	Discordo 2	Neutro 3	Concordo 4	Concordo plenamente 5
--------------------------	---------------	-------------	---------------	--------------------------

APÊNDICE 2 ESCALA DE AUTOEFICÁCIA GERAL PERCEBIDA

ESCALA DE AUTOEFICÁCIA GERAL PERCEBIDA DE RALPH SCHWARZER

Responda os itens abaixo assinalando o número que melhor representa a sua opinião, de acordo com a chave de respostas apresentada.

1	2	3	4
Não é verdade a meu respeito	É dificilmente verdade a meu respeito	É moderadamente verdade a meu respeito	É totalmente verdade a meu respeito

1. Se estou com problemas, geralmente encontro uma saída.	1	2	3	4
2. Mesmo que alguém se oponha eu encontro maneiras e formas de alcançar o que quero.	1	2	3	4
3. Tenho confiança para me sair bem em situações inesperadas.	1	2	3	4
4. Eu posso resolver a maioria dos problemas, se fizer o esforço necessário.	1	2	3	4
5. Quando eu enfrento um problema, geralmente consigo encontrar diversas soluções.	1	2	3	4
6. Consigo sempre resolver os problemas difíceis quando me esforço bastante.	1	2	3	4
7. Tenho facilidade para persistir em minhas intenções e alcançar meus objetivos.	1	2	3	4
8. Devido às minhas capacidades, sei como lidar com situações imprevistas.	1	2	3	4
9. Eu me mantenho calmo mesmo enfrentando dificuldades porque confio na minha capacidade de resolver problemas.	1	2	3	4
10. Eu geralmente consigo enfrentar qualquer adversidade.	1	2	3	4

APÊNDICE 3. AUTORIZAÇÃO DA CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE VOLEIBOL



AUTORIZAÇÃO

A confederação Brasileira de Voleibol - CBV, AUTORIZA a mestranda THAIS DO AMARAL MACHADO, do curso de Pós Graduação – Mestrado em Educação Física da Universidade Federal do Paraná, orientada pela Prof^a Dr^a Joice Mara Facco Stefanello a realizar a pesquisa de dissertação intitulada: “VALIDAÇÃO DA ESCALA DE AUTOAVALIAÇÃO DO SAQUE DO VOLEIBOL”, durante a Superliga Masculina e Feminina 2011/2012.

Rio de Janeiro, 28 de fevereiro de 2012.

Renato D'Avila
Superintendente de Quadra

APÊNDICE 4. AUTORIZAÇÃO DO CLUBE

TERMO DE CONSENTIMENTO CLUBE

Prezado Coordenador do Clube xxx

Declaramos que nós do Clube _____ estamos de acordo com a condução do Projeto de Pesquisa intitulada “VALIDAÇÃO DA ESCALA DE AUTOAVALIAÇÃO DO SAQUE EM ATLETAS DE VOLEIBOL” sob a responsabilidade da pesquisadora Professora. Dr^a. Joice Mara Facco Stefanello e a Mestranda e professora de Educação Física (CREF 015659-G/PR) Thais do Amaral Machado, durante a Superliga 2011/2012.

Estamos cientes que os sujeitos da pesquisa serão os atletas da equipe de voleibol adulta do presente clube.

Atenciosamente,

Coordenador/ Supervisor da equipe

LISTA DE ANEXOS

ANEXO 1. APROVAÇÃO NO COMITÊ DE ÉTICA	74
ANEXO 2. TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	77
ANEXO 3. TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO.....	81
ANEXO 4. TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO – PAIS.....	83
ANEXO 5. AUTORIZAÇÃO PARA O ESTUDO PILOTO	85

ANEXO 1. APROVAÇÃO NO COMITÊ DE ÉTICA

Plataforma Brasil - Ministério da Saúde

Hospital de Clínicas da Universidade Federal do Paraná - HCUFPR

PROJETO DE PESQUISA

Título: VALIDAÇÃO DA ESCALA DE AUTOAVALIAÇÃO DO SAQUE EM ATLETAS DE VOLEIBOL

Pesquisador: Thais do Amaral Machado

Versão: 1

Instituição: Universidade Federal do Paraná - Setor de Ciências da Saúde/ SCS

CAAE: 01309012.7.0000.0096

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

Número do Parecer: 9750

Data da Relatoria: 27/03/2012

Apresentação do Projeto:

O projeto sob o título VALIDAÇÃO DA ESCALA DE AUTOAVALIAÇÃO DO SAQUE EM ATLETAS DE VOLEIBOL será executado pela mestranda Thais do Amaral Machado, do Programa de Pós-graduação em Educação Física da UFPR, sob orientação da Profa Drª Joice Mara Facco Stefanello.

Objetivo da Pesquisa:

O presente estudo tem como objetivo validar a Escala de Autoavaliação do Saque do Voleibol, bem como verificar as propriedades psicométricas por meio da aplicação de questionários dirigidos a atletas de voleibol.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Não há riscos para os participantes. Como benefício, os atletas terão conhecimento de seu potencial físico, mas, principalmente, do emocional com relação ao esporte que praticam, onde a eficácia e a competência individuais serão analisadas.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Embora a parte introdutória do projeto de pesquisa, que engloba os objetivos e os antecedentes científicos, esteja confusa em termos gramaticais, à medida que se avança na leitura, ela se torna mais clara e convincente. Se finalizada, este trabalho validará a Escala de Autoavaliação do Saque (EASV), bem como obterá dados sobre a percepção dos atletas participantes quanto a sua capacidade para executar saques com eficácia e o quão a autoeficácia influirá na performance desses atletas.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos necessários estão apresentados.

Recomendações:

Para melhor compreensão do projeto, seria interessante que suas partes iniciais fossem reescritas.

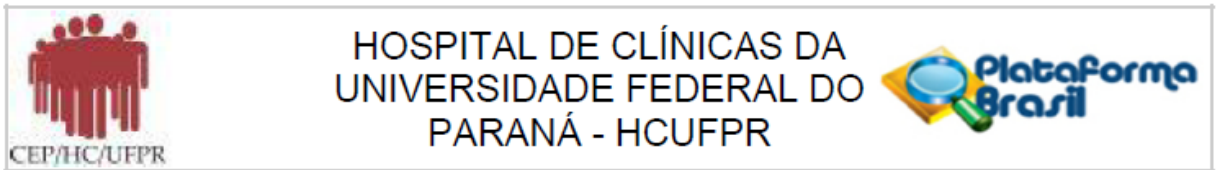
Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há pendências.

CURITIBA, 30 de Março de 2012

Assinado por:

Renato Tambara Filho



HOSPITAL DE CLÍNICAS DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO
PARANÁ - HCUFPR



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: VALIDAÇÃO DA ESCALA DE AUTOAVALIAÇÃO DO SAQUE EM ATLETAS DE VOLEIBOL

Pesquisador: Thais do Amaral Machado

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 01309012.7.0000.0096

Instituição Proponente: Universidade Federal do Paraná - Setor de Ciências da Saúde/ SCS

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 180.313

Data da Relatoria: 08/01/2013

Apresentação do Projeto:

Conforme parecer de 27/03/2012 deste CEP. A autora do projeto, em carta enviada em 19/12/2012 pede a ampliação do grupo participante à atletas adolescentes, a pedido de um dos professores que compõem a banca examinadora do Projeto de Pesquisa.

Objetivo da Pesquisa:

Conforme parecer de 27/03/2012 deste CEP.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Conforme parecer de 27/03/2012 deste CEP.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Conforme parecer de 27/03/2012 deste CEP.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Conforme parecer de 27/03/2012 deste CEP.

Os termos de Assentimento e Consentimento estão redigidos com correção.

Recomendações:

É obrigatório trazer ao CEP/HC uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que foi aprovado, para assinatura e rubrica. Após, xerocar este TCLE em duas vias, uma ficará com o pesquisador e uma para o participante da pesquisa.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

A ampliação do grupo de participantes ao nosso ver não altera a estrutura do projeto nem

Endereço: Rua Gal. Carneiro, 181

Bairro: Alto da Glória

CEP: 80.060-900

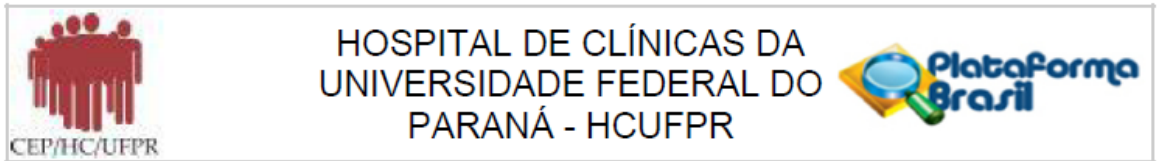
UF: PR

Município: CURITIBA

Telefone: (41)3360-1041

Fax: (41)3360-1041

E-mail: cep@hc.ufpr.br



acrescenta qualquer dificuldade no terreno ético.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

Diante do exposto, o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos do HC-UFPR, de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS 196/96, manifesta-se pela aprovação da Emenda ao projeto. Solicitamos que sejam apresentados a este CEP, relatórios semestrais sobre o andamento da pesquisa, bem como informações relativas às modificações do protocolo, cancelamento, encerramento e destino dos conhecimentos obtidos.

É obrigatório trazer ao CEP/HC uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que foi aprovado, para assinatura e rubrica. Após, xerocar este TCLE em duas vias, uma ficará com o pesquisador e uma para o participante da pesquisa.

CURITIBA, 21 de Dezembro de 2012

Assinador por:
Renato Tambara Filho
(Coordenador)

Endereço: Rua Gal. Carneiro, 181
 Bairro: Alto da Glória CEP: 80.060-900
 UF: PR Município: CURITIBA
 Telefone: (41)3360-1041 Fax: (41)3360-1041 E-mail: cep@hc.ufpr.br

ANEXO 2. TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO**1 - ATLETA**

Nós, Joice Mara Facco Stefanello e Thais do Amaral Machado, pesquisadores da Universidade Federal do Paraná, estamos convidando você atleta de voleibol a participar do estudo intitulado “VALIDAÇÃO DA ESCALA DE AUTOAVALIAÇÃO DO SAQUE EM ATLETAS DE VOLEIBOL”. A importância da autoeficácia no contexto esportivo de alto rendimento e a carência de instrumentos validados para mensurá-la faz-se necessário a validação de um instrumento para tal.

- a) O objetivo desta pesquisa é validar um instrumento para mensuração da autoeficácia dos atletas de voleibol, através do preenchimento do questionário “Escala de Autoavaliação do Saque do Voleibol” a fim de relacionar estes fatores de autoeficácia entre os atletas e por fim fornecer conhecimento aos técnicos e pessoas das áreas de interesse sobre o assunto proposto. .
- b) Caso você participe da pesquisa, será necessário preencher os questionários Escala de Autoavaliação do Saque do Voleibol (EASV) e Escala de Autoeficácia Geral Percebida (EAGP), referentes à autoeficácia específica do saque e autoeficácia geral.
- c) Para tanto você receberá os questionários via e-mail e deverá respondê-los e retorná-los via e-mail no período máximo de 15 dias após o recebimento do mesmo.
- d) Os questionários não apresentam nenhum tipo de desconforto ou risco.
- e) O benefício esperado com essa pesquisa é a validação de um instrumento pertinente à mensuração da autoeficácia do saque em atletas de voleibol adulto. No entanto, nem sempre você será diretamente beneficiado com o resultado da pesquisa, mas poderá contribuir para o avanço científico

Rubricas:

Sujeito da Pesquisa e /ou responsável legal_____

Pesquisador Responsável_____

Orientador_____Orientado_____

Comitê de Ética em Pesquisa do Setor de Ciências da Saúde da UFPR

Telefone: (41) 3360-7259 e-mail: cometica.saude@ufpr.br

- f) Os pesquisadores Prof^a Dr^a Joice Mara Facco Stefanello e a mestrande e Prof^a de Educação Física Thais do Amaral Machado, responsáveis por este estudo poderão ser contatados via telefone celular 41 9916 36 75 e comercial 3360 4326 ou e-mail: joice@ufpr.com.br e tha_thatha@hotmail.com. Universidade Federal do Paraná. Rua Coração de Maria nº 92 Campus Jardim Botânico CEP: 80.215-370 – Curitiba - PR para esclarecer eventuais dúvidas que você possa ter e fornecer-lhe as informações que queira, antes, durante ou depois de encerrado o estudo.
- k) A sua participação neste estudo é voluntária e se você não quiser mais fazer parte da pesquisa poderá desistir a qualquer momento e solicitar que lhe devolvam o termo de consentimento livre e esclarecido assinado.
- l) Qualquer informação que for divulgada em relatório ou publicação, isto será feito sob forma codificada, para que a sua identidade seja preservada e seja mantida a confidencialidade.
- m) As despesas necessárias para a realização da pesquisa (questionários) não são de sua responsabilidade e pela sua participação no estudo você não receberá qualquer valor em dinheiro.
- n) Quando os resultados forem publicados, não aparecerá seu nome, e sim um código.

Rubricas:
 Sujeito da Pesquisa e /ou responsável legal _____
 Pesquisador Responsável _____
 Orientador _____ Orientado _____

Comitê de Ética em Pesquisa do Setor de Ciências da Saúde da UFPR
 Telefone: (41) 3360-7259 e-mail: cometica.saude@ufpr.br

Eu, _____ li esse termo de consentimento e compreendi a natureza e objetivo do estudo do qual concordei em participar. A explicação que recebi menciona os riscos e benefícios. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento sem justificar minha decisão.

Eu concordo voluntariamente em participar deste estudo.

 (Assinatura do sujeito de pesquisa ou responsável legal)

Local e data

Assinatura do Pesquisador

Comitê de Ética em Pesquisa do Setor de Ciências da Saúde da
 UFPR
 Telefone: (41) 3360-7259 e-mail: cometica.saude@ufpr.br

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

2- ATLETA

Nós, Joice Mara Facco Stefanello e Thais do Amaral Machado, pesquisadores da Universidade Federal do Paraná, estamos convidando você atleta de voleibol a participar do estudo intitulado “VALIDAÇÃO DA ESCALA DE AUTOAVALIAÇÃO DO SAQUE EM ATLETAS DE VOLEIBOL”. A importância da autoeficácia no contexto esportivo de alto rendimento e a carência de instrumentos validados para mensurá-la faz-se necessário a validação de um instrumento para tal.

- g) O objetivo desta pesquisa é validar um instrumento para mensuração da autoeficácia dos atletas de voleibol e avaliar a autoeficácia dos atletas no fundamento saque através do preenchimento do questionário “Escala de Autoavaliação do Saque do Voleibol” a fim de relacionar estes fatores de autoeficácia com o *Scout* técnico do jogo avaliado entre os atletas e por fim fornecer conhecimento aos técnicos e pessoas das áreas de interesse sobre o assunto proposto. .
- h) Caso você participe da pesquisa, será necessário preencher o questionário Escala de Autoavaliação do Saque do Voleibol (EASV), referente à autoeficácia específica do saque.
- i) Para tanto você receberá antes do aquecimento de alguns jogos o questionário e deverá respondê-lo.
- j) Os questionários não apresentam nenhum tipo de desconforto ou risco.
- k) O benefício esperado com essa pesquisa é a) a validação de um instrumento pertinente à mensuração da autoeficácia do saque em atletas de voleibol adulto; b) Conhecimento sobre a sua autoeficácia específica do saque e a comparação destes resultados com o seu *Scout* técnico do jogo avaliado. No entanto, nem sempre você será diretamente beneficiado com o resultado da pesquisa, mas poderá contribuir para o avanço científico

l)

Rubricas: Sujeito da Pesquisa e /ou responsável legal _____ Pesquisador Responsável _____ Orientador _____ Orientado _____

Comitê de Ética em Pesquisa do Setor de Ciências da Saúde da UFPR Telefone: (41) 3360-7259 e-mail: cometica.saude@ufpr.br
--

- m) Os pesquisadores Prof^a Dr^a Joice Mara Facco Stefanello e a mestrande e Prof^a de Educação Física Thais do Amaral Machado, responsáveis por este estudo poderão ser contatados via telefone celular 41 9916 36 75 e comercial 3360 4326 ou e-mail: joice@ufpr.com.br e tha_thatha@hotmail.com. Universidade Federal do Paraná. Rua Coração de Maria nº 92 Campus Jardim Botânico CEP: 80.215-370 – Curitiba - PR para esclarecer eventuais dúvidas que você possa ter e fornecer-lhe as informações que queira, antes, durante ou depois de encerrado o estudo.
- k) A sua participação neste estudo é voluntária e se você não quiser mais fazer parte da pesquisa poderá desistir a qualquer momento e solicitar que lhe devolvam o termo de consentimento livre e esclarecido assinado.
- l) Qualquer informação que for divulgada em relatório ou publicação, isto será feito sob forma codificada, para que a sua identidade seja preservada e seja mantida a confidencialidade.
- m) As despesas necessárias para a realização da pesquisa (questionários) não são de sua responsabilidade e pela sua participação no estudo você não receberá qualquer valor em dinheiro.
- n) Quando os resultados forem publicados, não aparecerá seu nome, e sim um código.

Rubricas: Sujeito da Pesquisa e /ou responsável legal _____ Pesquisador Responsável _____ Orientador _____ Orientado _____

Comitê de Ética em Pesquisa do Setor de Ciências da Saúde da UFPR Telefone: (41) 3360-7259 e-mail: cometica.saude@ufpr.br
--

Eu, _____ li esse termo de consentimento e compreendi a natureza e objetivo do estudo do qual concordei em participar. A explicação que recebi menciona os riscos e benefícios. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento sem justificar minha decisão.

Eu concordo voluntariamente em participar deste estudo.

 (Assinatura do sujeito de pesquisa ou responsável legal)

Local e data

Assinatura do Pesquisador

Comitê de Ética em Pesquisa do Setor de Ciências da Saúde da UFPR Telefone: (41) 3360-7259 e-mail: cometica.saude@ufpr.br
--

ANEXO 3. TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

TERMO DE ASSENTIMENTO INFORMADO LIVRE E ESCLARECIDO ADOLESCENTES

Título do Projeto: VALIDAÇÃO DA ESCALA DE AUTOAVALIAÇÃO DO SAQUE EM ATLETAS DE VOLEIBOL.

Investigadora: Thais do Amaral Machado

O que significa assentimento?

O assentimento significa que você concorda em fazer parte de um grupo de adolescentes, da sua faixa de idade, para participar de uma pesquisa. Serão respeitados seus direitos e você receberá todas as informações por mais simples que possam parecer.

Pode ser que este documento denominado TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO contenha palavras que você não entenda. Por favor, peça ao responsável pela pesquisa ou à equipe do estudo para explicar qualquer palavra ou informação que você não entenda claramente.

Informação ao Atleta:

Você está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa, com o objetivo de validar uma ferramenta para medir a autoeficácia dos atletas de voleibol, através do preenchimento da “Escala de Autoavaliação do Saque do Voleibol” e relacionar estes dados de autoeficácia entre os atletas e por fim fornecer conhecimento as pessoas das áreas de interesse sobre o assunto proposto. Participando da pesquisa você irá contribuir para o avanço nas pesquisas científicas com atletas e irá colaborar com informações essenciais aos profissionais que trabalham com o esporte em auxiliar os atletas em aspectos voltados a seu rendimento esportivo. A pesquisa será realizada em um primeiro momento com a apresentação da pesquisadora e do estudo pretendido e como será a realização do mesmo. Você deverá levar para o responsável o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e retorná-lo assinado. Após o consentimento do responsável para que você possa participar da pesquisa, você preencherá a Escala de Autoavaliação do Saque e devolverá a ela. Em um segundo momento, a pesquisadora retornará a um momento de treinamento de sua equipe e reaplicará a Escala de Autoavaliação do Saque e a Escala de Autoeficácia Geral Percebida que você deve preencher e devolver a pesquisadora. Os benefícios esperados com a pesquisa são o conhecimento de construtos emocionais relacionadas à performance do saque. Sua identidade será preservada, ninguém além das pesquisadoras terá acesso aos dados da pesquisa.

Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital de Clínicas da UFPR

Telefone: (41) 3360-1041 e-mail: cep@hc.ufpr.br

Caso você concorde voluntariamente em participar da pesquisa, deverá assinar o termo de assentimento e responder as escalas mencionadas anteriormente; não havendo qualquer tipo de riscos a você. A sua participação é voluntária. Caso você opte por não participar não terá nenhum prejuízo.

Contato para dúvidas

Se você ou os responsáveis por você tiver(em) dúvidas com relação ao estudo, você deve contatar a Investigadora do estudo Thais do Amaral Machado ou membro de sua equipe Prof^a Dr^a Joice Mara Facco Stefanello, telefone fixo 3360 4326 e celular 9916 3675.

DECLARAÇÃO DE ASSENTIMENTO DO ATLETA:

Eu li e discuti com o investigador responsável pelo presente estudo os detalhes descritos neste documento. Entendo que eu sou livre para aceitar ou recusar, e que posso interromper a minha participação a qualquer momento sem dar uma razão. Eu concordo que os dados coletados para o estudo sejam usados para o propósito acima descrito.

Eu entendi a informação apresentada neste TERMO DE ASSENTIMENTO. Eu tive a oportunidade para fazer perguntas e todas as minhas perguntas foram respondidas.

Eu receberei uma cópia assinada e datada deste Documento DE ASSENTIMENTO INFORMADO.

NOME DO ADOLESCENTE	ASSINATURA	DATA
---------------------	------------	------

NOME DO INVESTIGADOR	ASSINATURA	DATA
----------------------	------------	------

Comitê de ética em Pesquisa do Hospital de Clínicas da UFPR
Tel (41)3360-1041 - e-mail: cep@hc.ufpr.br

ANEXO 4. TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO – PAIS

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
PAIS/RESPONSÁVEL****PAIS OU RESPONSÁVEIS**

Nós, Joice Mara Facco Stefanello e Thais do Amaral Machado, pesquisadores da Universidade Federal do Paraná, estamos convidando você atleta de voleibol a participar do estudo intitulado “VALIDAÇÃO DA ESCALA DE AUTOAVALIAÇÃO DO SAQUE EM ATLETAS DE VOLEIBOL”. A importância da autoeficácia no contexto esportivo infanto-juvenil e a carência de instrumentos validados para mensurá-la faz-se necessário a validação de um instrumento para tal.

- a) O objetivo desta pesquisa é mensurar a percepção de autoeficácia dos atletas de voleibol no fundamento saque através do preenchimento da “Escala de Autoavaliação do Saque do Voleibol” a fim de relacionar estes fatores de autoeficácia com o *Scout* técnico dos jogos avaliados e por fim fornecer conhecimento aos técnicos e pessoas das áreas de interesse sobre o assunto proposto. .
- b) Caso você autorize seu filho a participar da pesquisa, ele deverá retornar com este Termo de Consentimento assinado por você responsável legal, autorizando a sua participação no estudo.
- c) Em um segundo encontro, após o seu consentimento, o atleta deverá preencher a Escala de Autoavaliação do Saque do Voleibol antes do aquecimento de alguns jogos e deverá devolvê-la a pesquisadora após o preenchimento.
- d) As escalas não apresentam nenhum tipo de desconforto ou risco.
- e) O benefício esperado com essa pesquisa é o conhecimento sobre a sua autoeficácia específica do saque e a comparação destes resultados com o seu *Scout* técnico do jogo avaliado. No entanto, nem sempre seu filho será diretamente beneficiado com o resultado da pesquisa, mas poderá contribuir para o avanço científico.

Rubricas:

Sujeito da Pesquisa e /ou responsável legal _____

Pesquisador Responsável _____

Orientador _____ Orientado _____

Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital de Clínicas da UFPR
Telefone: (41) 3360-1041 e-mail: cep@hc.ufpr.br

- f) Os pesquisadores Prof^a Dr^a Joice Mara Facco Stefanello e a mestrande e Prof^a de Educação Física Thais do Amaral Machado, responsáveis por este estudo poderão ser contatados via telefone celular 41 9916 36 75 e comercial 3360 4326 ou e-mail: joice@ufpr.com.br e tha_thatha@hotmail.com. Universidade Federal do Paraná. Rua Coração de Maria nº 92 Campus Jardim Botânico CEP: 80.215-370 – Curitiba - PR para esclarecer eventuais dúvidas que você possa ter e fornecer-lhe as informações que queira, antes, durante ou depois de encerrado o estudo.
- k) A participação de seu filho neste estudo é voluntária e se ele não quiser mais fazer parte da pesquisa poderá desistir a qualquer momento e solicitar que lhe devolvam o termo de consentimento livre e esclarecido assinado.
- l) Qualquer informação que for divulgada em relatório ou publicação, isto será feito sob forma codificada, para que a sua identidade seja preservada e seja mantida a confidencialidade.
- m) As despesas necessárias para a realização da pesquisa (questionários) não são de sua responsabilidade e pela sua participação no estudo você não receberá qualquer valor em dinheiro.
- n) Quando os resultados forem publicados, não aparecerá seu nome, e sim um código.

Rubricas: Sujeito da Pesquisa e /ou responsável legal _____ Pesquisador Responsável _____ Orientador _____ Orientado _____

Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital de Clínicas da UFPR Telefone: (41) 3360-1041 e-mail: cep@hc.ufpr.br
--

Eu, _____ responsável pelo atleta _____ li esse termo de consentimento e compreendi a natureza e objetivo do estudo do qual concordei em que meu filho (a) participe. A explicação que recebi menciona os riscos e benefícios. Eu entendi que sou livre para interromper a participação de meu filho (a) a qualquer momento sem justificar minha decisão e concordo em meu filho (a) participar voluntariamente deste estudo.

 (Assinatura do responsável legal)
 Local e data
 Assinatura do Pesquisador

Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital de Clínicas da UFPR Telefone: (41) 3360-1041 e-mail: cep@hc.ufpr.br
--

ANEXO 5. AUTORIZAÇÃO PARA O ESTUDO PILOTO

AUTORIZAÇÃO

PROSPECTION
PROJETOS E CONSULTAS

Ilmo Sr.(a)

Venho por meio desta autorizar a coleta de dados da mestranda **Thais do Amaral Machado**, durante a **IX Taça Paraná de Voleibol**.

Atenciosamente

Josmar Coelho
Coordenador Geral da Taça Paraná de Voleibol



1119
Taça Paraná
asics de Voleibol



asics
don't mind, don't body




FEDERAÇÃO PARANENSE
VOLEI-BOL




MACERATTI
Atletismo



GOJO SPORTS



PARANA
GOVERNADOR DO ESTADO
do Paraná




SUPERGRAF
grafica e cultura ltda. f. 3427.1246



COPACOL
COPACOL



UNIBIASI
Grupo Educacional



Faculdade Brasileira de Voleibol